

A Tempestade

de **William Shakespeare**

Tradução de
Fátima Vieira

Personagens

Alonso, Rei de Nápoles

Sebastião, seu Irmão

Próspero, Duque legítimo de Milão

Antônio, seu Irmão e Duque usurpador de Milão

Fernando, Filho do Rei de Nápoles

Gonçalo, honesto e velho Conselheiro

Adriano - Nobre

Francisco - Nobre

Calibã, Escravo selvagem e deformado

Trínculo, Bobo

Estêvão, Despenseiro bebedor

Capitão do Navio

Contramestre

Marinheiros

Miranda, Filha de Próspero

Áriel, Espírito aéreo

Íris

Ceres

Juno

Ninfas

Ceifeiros Personagens que, na pantomina, são representados por
Áriel e outros Espíritos

Outros Espíritos ao serviço de Próspero

I ACTO

CENA 1

Ouve-se o ruído tempestuoso de trovões e relâmpagos. Entram o Capitão e o Contramestre.

CAPITÃO
Contramestre!

CONTRAMESTRE
Estou aqui, capitão! O que mandais?

CAPITÃO
Fala com os marinheiros. Fá-lo sem demora ou ainda encalhamos. Mexe-te! Mexe-te!

*Sai.
Entram marinheiros.*

CONTRAMESTRE
Eia, meus bravos! Ânimo, ânimo, meus bravos! Depressa, depressa! Recolham a vela de mezena! Atentem no apito do capitão! Sopra, tempestade, até rebentares os teus ventos desde que me deixes passar!

Entram Alonso, Sebastião, António, Fernando, Gonçalo, e outros.

ALONSO
Bom contramestre, empenha-te. Onde está o capitão? Portem-se como homens!

CONTRAMESTRE
Por favor, não subais.

ANTÓNIO
Onde está o capitão, contramestre?

CONTRAMESTRE
Não o ouvís? Estorvais o nosso trabalho. Ficai nas vossas cabinas. Aqui apenas ajudais à tempestade.

GONÇALO
Vá, amigo, tem calma.

CONTRAMESTRE
Quando o mar também a tiver. Ide! Que importa ao rugido das vagas o nome de um rei? Ide para a cabina! Silêncio! Não nos perturbeis!

GONÇALO
Mas lembra-te, amigo, de quem tens a bordo.

CONTRAMESTRE

Ninguém de quem eu goste mais do que de mim próprio. Vós sois um conselheiro. Se conseguirdes votar estes elementos ao silêncio e impor paz à tempestade, não tocaremos num cabo mais. Usai a vossa autoridade. Se não o conseguirdes, dai graças por terdes vivido tanto e preparai-vos, na vossa cabina, para o infortúnio do momento, no caso de ele se dar. Ânimo, meus bravos! Fora do caminho, já disse!

Sai.

GONÇALO

A presença deste indivíduo sossega-me. Não tem ar de quem vai morrer afogado. Apressa-te, bom fado, a preparar o seu enforcamento! Faz com que a corda do seu destino seja o cabo da nossa salvação, já que o nosso agora de pouco vale. Se ele não nasceu para morrer enforcado, estamos bem arrançados!

Saem.

Entra o contramestre.

CONTRAMESTRE

Arreia o mastaréu! Depressa! Abaixo, abaixo!

Ouve-se um grito, vindo de dentro. Entram Sebastião, António e Gonçalo.

Raios partam essa barulheira! Fazem mais barulho do que a tempestade ou as nossas manobras!

Outra vez? O que quereis daqui? Quereis que desistamos e nos afoguemos? Pretendeis ir ao fundo?

SEBASTIÃO

Vai-te lixar, seu berrão, blasfemo, cão cruel!

CONTRAMESTRE

Vinde vós trabalhar, então.

ANTÓNIO

Vai-te enforçar, vai-te enforçar, seu filho da puta, seu insolente agitador! Temos menos medo de morrer afogados do que tu.

GONÇALO

Garanto-vos que ele não se afoga, nem mesmo se o navio fosse pouco mais forte do que uma casca de noz.

CONTRAMESTRE

Capeai, capeai! Soltai as velas para o largo, outra vez! Virai a proa!

Entram marinheiros encharcados.

MARINHEIROS

Tudo perdido! Rezemos, rezemos! Está tudo perdido!

CONTRAMESTRE

Como? Vai-nos arrefecer o céu da boca?

GONÇALO

Rei e príncipe rezam. Ajudemo-los.

Estamos todos no mesmo barco.

SEBASTIÃO

Perdi a paciência.

ANTÓNIO

Estes bêbados querem roubar-nos a vida.

Vil desbocado... Que o teu cadáver role por dez marés!

GONÇALO

Ele vai morrer enforcado

Mesmo que as gotas de água se unam para o evitar.

Um ruído confuso vem de dentro.

Misericórdia! O casco está a abrir-se, está a abrir-se! Adeus, mulher e filhos! Adeus, irmão! O casco está a abrir-se, a abrir-se!

ANTÓNIO

Morramos com o rei.

SEBASTIÃO

Vamos despedir-nos dele.

Sai.

GONÇALO

Agora daria eu mil braças de mar por um palmo de terra estéril. Charneca coberta de giesta, de tojo, ou de qualquer outra coisa. Que a vontade divina seja feita, mas eu preferia morrer de morte seca.

Sai

CENA 2

Entram Próspero e Miranda

MIRANDA

Se por artes vossas, meu querido pai,
Bramiram as águas revoltas, acalmai-as.
Do céu, parece, jorraria piche empestado
Não fôra o mar que, galgando o firmamento,
Extingue o seu fogo. Oh, como eu sofri
Com aqueles que vi sofrer! Um forte navio
Que decerto tinha criatura nobre a bordo
Ficou feito em pedaços. Oh, o grito feriu
Meu coração! Pobres almas, pereceram!
Fôra eu um deus poderoso e faria
Afundar o mar na terra, antes que
O belo navio fosse tragado, e com ele
A carga de almas que continha.

PRÓSPERO

Acalma-te,
Deixa-te disso, diz ao teu bom coração
Que mal nenhum sucedeu.

MIRANDA

Triste dia!

PRÓSPERO

Mal nenhum.
Nada fiz que não fosse a pensar em ti,
Em ti, minha querida, em ti, filha minha,
Que vives na ignorância de quem és, não sabes
Donde venho, não sabes que não sou apenas
Próspero, dono de uma pobre gruta
E o teu pai.

MIRANDA

Nunca nos meus pensamentos
Quis eu alguma vez saber mais.

PRÓSPERO

É tempo
De te informar melhor. Dá-me a tua mão,
Ajuda-me a despir o meu manto mágico.
Assim - Queda-te, meu poder - Sossega.
O horrível espectáculo do naufrágio
Que em ti despertou a virtude da compaixão
Foi com o meu poder mágico de tal forma
Preparado que nem uma só alma ...

Não, nem um só cabelo se perdeu
De todos quantos no navio viajavam
E que viste gritar e afogar. Senta-te.
Pois agora tens de saber mais.

MIRANDA

Tantas vezes
Começaste a dizer-me quem sou, para depois
Me deixares entregue a vãs conjecturas
Dizendo: Calma. Ainda não.

PRÓSPERO

A hora chegou;
A ocasião dita que me dê ouvidos.
Obedece, presta atenção. Lembras-te
De antes de virmos para esta cabana?
Não creio que te lembres, pois então não tinhas
Sequer três anos.

MIRANDA

Certamente, senhor, recordo.

PRÓSPERO

Recordas o quê? Outra casa, outra pessoa?
Se de algo guardas memória conta-me
O que ficou na tua lembrança.

MIRANDA

É longínquo,
É mais um sonho do que um facto aquilo
que a minha memória guarda. Não tive eu já
Quatro ou cinco mulheres cuidando de mim?

PRÓSPERO

Tiveste, e ainda mais, Miranda. Mas como
Vive isto na tua memória? Que mais vês
No escuro passado e no abismo do tempo?
Se te lembras do tempo antes de para cá vires
Sabes como cá vieste parar.

MIRANDA

Isso não.

PRÓSPERO

Há doze anos, Miranda, há doze anos
Era o teu pai o Duque de Milão
E um príncipe de poder.

MIRANDA

Senhor, não sois meu pai?

PRÓSPERO

A tua mãe era a virtude em pessoa,
E dizia que eras minha filha; que o teu pai
Era o Duque de Milão ; e a sua herdeira
Era a princesa e filha legítima.

MIRANDA

Oh, céus!
Que má sorte nos tocou para aqui virmos parar?
Ou foi antes a ventura?

PRÓSPERO

Ambas, querida.
Expulsos fomos por má sorte, como dizes,
Mas a ventura trouxe-nos para cá.

MIRANDA

Meu coração
Sangra ao pensar na dor que vos causei
E que não recordo. Por favor, continua.

PRÓSPERO

Meu irmão e teu tio, de seu nome António -
- Presta atenção, vê só, como pode um irmão
Ser tão pérfido! - ele, a quem, depois de ti
Eu mais amava no mundo e a quem
Confiei o governo do meu Estado, que era
Então de todos os domínios o primeiro,
E Próspero, o primeiro duque, reputado,
Em dignidade e nas Artes liberais
Sem par. A estas dedicando o meu estudo
O governo transferi para o meu irmão,
Ao meu Estado tornei-me alheio, imerso
Que estava em estudos secretos. Teu falso tio -
Estás a ouvir-me?

MIRANDA

Senhor, com toda a atenção.

PRÓSPERO

Uma vez mestre em conceder favores,
Em recusá-los, em favorecer uns
E calar os mais ambiciosos, seduziu
Criaturas que me eram fiéis e mudou-as,
Ou, se quiseres, transformou-as. Dominando
Estado e estadistas, a todos tocou
A música que queriam ouvir; e assim se tornou
Na hera que ocultou o meu soberano tronco

E sugou a minha seiva. Ouves-me ou não?

MIRANDA

Oh, bom senhor, eu vos ouço.

PRÓSPERO

Peço-te, repara:

Eu, negligenciando as coisas terrenas,
Dedicado ao retiro e ao culto do espírito
Com aquilo que, por me causar isolamento
Julguei ser o mais importante, no meu irmão
Despertei a maldade, e a minha confiança,
Como uma boa mãe, permitiu-lhe cultivar
Uma falsidade tão grande no seu ser
Quanto o era a minha confiança, que era cega,
Uma confiança sem limites. Enriquecido
Com os rendimentos que lhe cedi e também
Com o que o poder lhe trouxe, como quem
Acredita ser verdade, de tanto o repetir,
Cometendo o pecado de trair a memória,
Fez vencer a mentira e de facto acreditou
Ser o Duque. Esqueceu a substituição,
Assumindo a face visível da realeza
Com todas as prerrogativas. Sua ambição cresceu -
Ouves-me?

MIRANDA

O que narrais, senhor, curaria a surdez.

PRÓSPERO

Para que nada houvesse entre o papel que assumiu
E quem ele representava precisou ser
O maior de Milão. Pobre de mim, a biblioteca
Era o meu ducado. De poderes temporais
Ele achava-me agora incapaz. Aliou-se -
- Sedento que estava - ao rei de Nápoles,
Pagou-lhe tributo anual, prestou homenagem,
Submeteu a coroa de duque à real
Curvando o ducado livre - pobre Milão! -
Ao mais ignóbil rebaixamento.

MIRANDA

Oh, céus!

PRÓSPERO

Nota bem esta aliança e o resultado.
Diz-me se este pode ser meu irmão.

MIRANDA

Pecaria

Se não honrasse a memória da minha avó
Boas mães têm por vezes filhos maus.

PRÓSPERO

O tratado.

O rei de Nápoles, sendo meu inimigo
Inveterado, ouviu a proposta de António,
Que era que ele, em troca das promessas
De homenagem e não sei de quanto tributo
Deveria expulsar-me e aos meus do ducado,
Conferindo a bela Milão a António,
Com todas as honras. E foi assim
Que um exército traidor se levantou, em noite
Escolhida para o efeito, e António abriu
Os portões de Milão; e, no terror das trevas,
Homens contratados arrancaram-nos de lá,
A mim e a ti, que choravas.

MIRANDA

Oh, por piedade!

Eu, não me lembrando de como chorava então,
Volto a chorar: a alusão ao que se passou
Leva os meus olhos às lágrimas.

PRÓSPERO

Ouve mais.

E depois conduzir-te-ei à presente questão
Que nos irá ocupar, sem o que esta história
Não teria relevância.

MIRANDA

Mas por que motivo
Não nos destruíram então?

PRÓSPERO

Perguntas bem:

Põe-se essa questão. Querida, não se atreveram
(Tanto me amava o meu povo) a manchar
De sangue esse negócio. De belas cores:
Pintaram os seus vis intentos.
Resumindo, meteram-nos num navio
Algumas léguas mar dentro, onde arranjaram
A carcaça podre de um barco, sem palamenta:
Nem cordame, nem vela, nem mastro; até os ratos
Haviam abandonado o navio e para ali
Nos deixaram chorando ao mar que rugia,
Suspirando aos ventos que, por piedade,
Devolviam os nossos lamentos.

MIRANDA

Que estorvo
Não terei sido para vós!

PRÓSPERO

Oh, foste um anjo
Que me salvou. Sorríste-me e incutíste-me
Uma vontade que apenas vem do céu
Quando enchia o mar de lágrimas salgadas
Chorando o meu fardo. E assim se tornou
O meu estômago de ferro, imune
Ao que a seguir viria.

MIRANDA

E como desembarcámos?

PRÓSPERO

Foi a Divina Providência.
Tínhamos alguma comida e água fresca
Que Gonçalo, um nobre napolitano
Por caridade, tendo sido encarregado
De conceber o plano, nos providenciou
Bem como ricos trajos, linhos e outras coisas
Que nos fizeram muito proveito; amável,
Sabendo do meu amor aos livros me trouxe
Da minha própria biblioteca volumes
Que prezo mais do que o meu ducado.

MIRANDA

Quem me dera
Conhecer esse homem!

PRÓSPERO

Deixa-me levantar-me.
Fica sentada e escuta o resto da história.
A esta ilha chegámos e foi aqui
Que eu, teu mestre, te dei mais do que têm
Outras princesas do mundo que perdem tempo
Com frivolidades e sem mestres dedicados.

MIRANDA

Deus vos pague! Mas dissei-me, senhor,
Pois ainda não compreendi, por que razão
Levantastes a tempestade?

PRÓSPERO

Sabê-lo-ás.
Por estranho acaso a bondosa Fortuna,
De quem sou agora devoto, meus inimigos
Trouxe a estas paragens; pela minha presciência

Soube que o meu zénite depende de uma
Estrela auspiciosa cuja influência,
Se eu deixar de a acarinhar, destruirá
O meu destino. Aqui cessam as questões:
Vejo-te a cair de sono; esse torpor é bom,
Deixa-te ir. Sei bem que não podes escolher.
Vem, meu servo, vem. Posso agora atender-te.
Aproxima-te, meu Áriel, vem.

Entra Áriel

ÁRIEL

Saúde, grande mestre! Saúde, senhor! Venho
Atender aos teus desejos, seja para voar,
Para nadar, para mergulhar no fogo, cavalgar
Nas ondas das nuvens, à tua ordem soberana
Responde Áriel e a sua habilidade.

PRÓSPERO

Áriel,
Levantaste a tempestade, como te ordenei?

ÁRIEL

Em todos os aspectos.
Entrei no navio, primeiro no esporão,
Depois no castelo, no convés, nas cabines,
Tudo inflamei de pavor. Por vezes dividi-me,
Ardendo em vários locais: no mastaréu,
Nas vergas, no gurupés, fui semeando chamas
Até se unirem. Os raios de Júpiter, Deus
Do medonho ribombar dos trovões, nunca foram
Tão rápidos e esquivos. O fogo e o estrondo
Dos sulfúreos rugidos Neptuno pareciam
Cercar, e fazer tremer suas fortes ondas,
e abalar o seu tridente.

PRÓSPERO

Meu bravo espírito!
Quem se mostrou firme e constante, não deixando
O tumulto perturbar sua razão?

ÁRIEL

Ninguém
Deixou de sentir a febre da loucura. Todos
Desesperaram. Todos, menos os marinheiros,
Mergulharam no espumoso mar, deixando
O navio que inflamei. O filho do rei,
Com os cabelos em pé - que pareciam caniços -
- foi o primeiro a saltar, gritando: O inferno

Está vazio e os diabos aqui!

PRÓSPERO

Bom espírito!

Tudo isso perto da costa?

ÁRIEL

Bem perto, Mestre.

PRÓSPERO

E estão a salvo?

ÁRIEL

Nem um cabelo lhes falta.

Nas roupas que vestem nem uma só nódoa,

Estão melhores do que antes; e, como ordenaste,

Dispersei-os em grupos pela ilha, fazendo

Com que o filho do rei chegasse a terra sozinho.

Deixei-o a acalmar-se e a suspirar

Num escondido recanto da ilha, sentado

Triste, com os braços cruzados.

PRÓSPERO

E ao navio,

Aos marinheiros, diz o que lhes fizeste,

Bem como ao resto da frota?

ÁRIEL

A salvo no porto

Está o navio; no profundo recanto onde

Certa meia-noite me mandaste buscar

Orvalho às conturbadas Bermudas, lá está ele.

Aos marinheiros, acamados no porão,

Lancei um encanto que, com as suas fadigas,

Os pôs a dormir. E quanto ao resto da frota,

Que dispersei, já se reorganizou

E sobre as vagas do Mediterrâneo

Todos rumaram tristemente para Nápoles

Pensando ter visto naufragar o navio

E perecer o rei.

PRÓSPERO

Áriel, a tua tarefa

Foi bem cumprida, mas há mais trabalho a fazer.

Que horas são?

ÁRIEL

Já passa do meio-dia.

PRÓSPERO

Pelo menos duas ampulhetas. O tempo
Que temos até às seis é para nós precioso.

ÁRIEL

Há mais trabalho? Se me dás tantos encargos,
Deixa-me lembrar-te o que me prometeste
E que não cumpriste ainda.

PRÓSPERO

Vais amuar?
Que queres pedir-me?

ÁRIEL

A minha liberdade.

PRÓSPERO

Antes do prazo? Deixa-te disso!

ÁRIEL

Rogo-te,
Lembra-te dos bons serviços que te prestei,
Nunca te menti nem fiz disparates, servi-te
Sem rancor e sem resmungos. Prometeste
Reduzir-me um ano ao serviço.

PRÓSPERO

Então esqueceste
O tormento de que te libertei?

ÁRIEL

Não.

PRÓSPERO

Esqueceste, sim; e pensas que fazes muito
Só por pisares o limo do salgado abismo,
Correres com os gélidos ventos do norte
E me prestares serviço nas veias da terra
Endurecida pela geada.

ÁRIEL

Não penso assim.

PRÓSPERO

Mentes, ente maligno! Esqueceste então
Sicorax, essa vil feiticeira que ficou
Curvada com a idade e a maldade? Esqueceste?

ÁRIEL

Não, senhor.

PRÓSPERO

Esqueceste. Onde nasceu ela? Diz lá!

ÁRIEL

Em Argel, senhor!

PRÓSPERO

Ah, assim foi? Vejo que tenho
De te contar todos os meses quem tu foste,
Já que o esqueceste. Essa maldita Sicorax
Fez tantas maldades e terríveis bruxarias
Que ferem o ouvido humano que de Argel
Foi banida. Apenas por uma razão
Não lhe tiraram a vida. Não é verdade?

ÁRIEL

É, senhor.

PRÓSPERO

Essa bruxa de olhos azuis, trazida grávida,
Cá foi abandonada pelos marinheiros. Tu,
Como tu próprio disseste, eras então seu servo.
Mas teu espírito era sensível demais
Para executares tão abomináveis ordens
E, por a tal te recusares, encerrou-te,
Com a ajuda dos seus mais poderosos ministros,
Num pinheiro oco; naquele tronco falho
Aprisionado, permaneceste sofrendo
Uma dúzia de anos. Entretanto, ela morreu
E te deixou, gemendo aos ventos os teus lamentos
Incessantes como a roda do moinho. Então,
A não ser pelo filho que cá deixou -
- Um cachorro sardento que ela pariu - na ilha
Não havia mais ninguém.

ÁRIEL

Sim, Calibã, seu filho.

PRÓSPERO

Um estúpido, é o que eu digo! Calibã,
Que tenho ao meu serviço. Melhor do que ninguém
Sabes como te encontrei. Teus gemidos
Faziam uivar os lobos e comoviam
Os mais ferozes ursos. Era um tormento,
Uma danação eterna, que Sicorax
Já não podia aliviar. Foi por minha arte,
Quando cá cheguei, que se escancarou

O tronco, libertando-te.

ÁRIEL

Obrigado, senhor.

PRÓSPERO

Se tornas a murmurar, fendo um carvalho
E cravo-te nas suas nodosas entranhas,
Deixando-te uivar por doze invernos.

ÁRIEL

Perdão.

Obedecerei às tuas ordens,
Como espírito agirei.

PRÓSPERO

Fá-lo, e em dois dias
Te libertarei.

ÁRIEL

Meu nobre senhor!

Que tenho de fazer? Diz! Que devo fazer?

PRÓSPERO

Transforma-te numa ninfa do mar.
Que ninguém te possa ver, a não ser eu,
Faz-te invisível para os outros. Toma essa forma
E depois volta para cá. Vai, vai sem demora!
Sai.
Acorda, coração. Acorda. Dormiste bem.
Acorda.

MIRANDA

A estranheza que me causou a vossa história
Causou-me torpor.

PRÓSPERO

Sacode-o. Vamos lá;
Visitaremos Calibã, o meu escravo,
Que nunca nos fala gentilmente.

MIRANDA

É um vilão,
Não gosto sequer de olhar para ele.

PRÓSPERO

Pois é,
Mas não passamos sem ele. Acende as fogueiras,

Apanha-nos lenha e presta-nos serviços
Inestimáveis. Eh, tu! Escravo! Calibã!
Tu, pedaço de lama, tu, responde!

CALIBÃ

De dentro da gruta.

Aqui há lenha que chegue.

PRÓSPERO

Vem cá, já te disse. Há mais serviço à tua espera.

Anda, sua tartaruga! Então, é para quando?

Entra Ariel sob a forma de ninfa do mar.

Bela aparição! Formoso Ariel,

Escuta ao ouvido.

ÁRIEL

Senhor, assim se fará.

Sai

PRÓSPERO

Seu escravo venenoso que o diabo pôs

No ventre perverso da tua mãe, vem cá!

Entra Calibã

CALIBÃ

Que o mais cruel orvalho que jamais minha mãe

Fabricou com penas de corvo empestado

Caia sobre vós. Que sopra um vento de sudoeste

E vos cubra de chagas!

PRÓSPERO

Só por causa disso esta noite terás cãibras,

Pontadas que te tirarão o fôlego. Ouriços

Rolarão sobre ti tanto quanto a vastidão

Da noite permita. As picaduras serão mais

Do que os alvéolos de um favo de mel, mais profundas

Do que as das abelhas.

CALIBÃ

Deixa-me jantar.

Esta ilha é minha, por Siorax, minha mãe,

E tu roubaste-me. Quando para cá vieste,

Acarinhaste-me e prometeste-me mundos.

Deste-me água com ginja, ensinaste-me

O nome da grande luz e da mais pequena,

Que brilham de dia e de noite. Amei-te, então,

E mostrei-te todas as riquezas desta ilha,

Fontes, salinas, terras férteis e estéreis.
Maldição! Que minha mãe te lance os piores feitiços,
Que sapos, baratas, morcegos te cubram!
Sou o teu único servo quando já fui
Meu próprio rei; e aqui me encarceras,
Neste rochedo frio, enquanto me privas
Do resto da ilha.

PRÓSPERO

Seu escravo mentiroso,
Que o chicote comove, não a bondade! Tratei-te,
Meu porco, com carinho humano, alberguei-te
Na minha própria gruta, até ao dia em que tentaste
Desonrar minha filha.

CALIBÃ

Eh, eh, só tenho pena de não o ter feito.
Impediste-me, senão, esta ilha estaria
Povoada de calibãs.

MIRANDA

Escravo odioso
Incapaz de um assomo de bondade,
Portador de todo o mal! Compadeci-me de ti,
Quão difícil me foi ensinar-te a falar!
Antes de o aprenderes, selvagem,
Nem o teu próprio pensamento entendias.
Balbuciavas como uma besta, e eu ensinei-te
As palavras que traduziam teus pensamentos.
Apesar disso, tua raça era tão vil
Que não suportou lidar com a boa natureza.
Ficaste preso neste rochedo mas para ti
A prisão é boa demais.

CALIBÃ

Ensinaste-me a falar, mas o que aprendi
Foi a praguejar! Que a peste te cubra de chagas
Por mo teres ensinado.

PRÓSPERO

Vai-te, filho de bruxa!
Traz-nos lenha - e depressa pois outras coisas
Tens para fazer. Encolhes os ombros, malvado?
Se não me obedeceres ou o fizeres de má vontade
Encho-te os ossos de dores e berrarás tanto
Que as bestas tremerão com o ruído.

CALIBÃ

Não, eu te rogo!

Tenho de obedecer. O seu poder é tal
Que dominaria o deus de minha mãe Setebos
E dele faria seu servo.

PRÓSPERO

Vai, escravo!

Sai Calibã.

Entra Fernando; Ariel, invisível, toca e canta.

ÁRIEL

Canto

Vinde até estas areias douradas
De mãos dadas
Quando vos tiverdes saudado e beijado
As feras vagas ter-se-ão calado.
Agilmente aqui e ali, pisai,
Doces espíritos, o refrão cantai.

(Ouvem-se vozes dispersas)

Au, au!

Cães de guarda, ladrai!

(Áriel)

Au, au!

Escutai!

O altivo galo canta só.

Có-có-ri-có-có!

FERNANDO

De onde vem esta música? Do ar ou da terra?
Já não a ouço; ela certamente serve
Algum deus desta ilha. Sentado nesta margem,
De novo chorando o naufrágio de meu pai,
Esta música arrastou-se até mim sobre as águas,
Acalmando a fúria do mar e a minha dor
Com o seu ar suave. Então, eu segui-a
Ou melhor, ela atraiu-me. Mas já se foi.
Não, ei-la que recomeça.

ÁRIEL

Canta

Lá no fundo teu pai jaz
Com seus ossos de coral
Nos olhos pérolas traz
Pois o seu corpo mortal
Foi transformado no mar
Num tesouro singular.
As ninfas tocam os sinos.

(Coro)

Dlim-dlão.Ouvi!

Dlim-dlão!

FERNANDO

Este canto lamenta o naufrágio de meu pai.
Não é coisa de humanos, nem são os sons
Pertença da terra. Eis que paira sobre mim.

PRÓSPERO

Levanta a cortina franjada dos teus olhos
E diz-me o que ali vês.

MIRANDA

O que é? Um espírito?
Céus, como olha em seu redor! Acreditai, senhor,
Sua forma é esplêndida. Mas é um espírito.

PRÓSPERO

Não, menina. Ele come e dorme e tem sentidos
Como nós, tal qual. Este ser galante que vês
Estava no naufrágio; e, embora algo marcado
Pela dor que corrompe a beleza, podes bem
Ver que é gracioso. Perdeu-se dos companheiros
E procura-os agora.

MIRANDA

Poderia chamar-lhe
Coisa divina, pois no reino da natureza
Nunca nada vi de tão nobre.

PRÓSPERO

Tudo vai de feição,
Mesmo como eu queria. Espírito, serás livre
Dentro de dois dias!

FERNANDO

Esta é, sem dúvida, a deusa
De quem estes acordes são servos. Dignai-vos
Dizer-me se habitais ou não esta ilha,
Concedei-me a graça de me instruídes sobre
Como aqui deverei viver. Mas mais importante,
Embora só agora o peça - oh, maravilha! -
Dizei-me se sois donzela.

MIRANDA

Maravilha, não,
Mas por certo donzela.

FERNANDO

Céus! Falais minha língua?

De todos os que a falam seria eu o primeiro
Se estivesse onde ela é falada.

PRÓSPERO

Como? O primeiro?
Que diria o rei de Nápoles se te ouvisse?

FERNANDO

Isto, apenas, pois sou agora o rei, e espanta-me
Ouvir-vos falar de Nápoles. Ele bem me ouviu,
E por isso, eu choro. Eu próprio sou Nápoles.
Meus chorosos olhos, que não mais viram vazante,
Testemunharam o naufrágio de meu pai.

MIRANDA

Céus!

FERNANDO

É verdade, e todos os seus nobres.

PRÓSPERO

Parece que estão
Trocando olhares de namoro. Dedicado Áriel,
Isto valer-te-á a liberdade. Bom senhor,
Estás enganado. Temos de conversar!

MIRANDA

Por que falais tão rudemente, meu pai? Este é
O terceiro homem que vejo na minha vida;
O primeiro por quem suspiro. Que a piedade
Leve o meu pai a favorecer-me.

FERNANDO

Se sois virgem,
E se mais ninguém ganhou a vossa afeição,
Farei de vós rainha de Nápoles.

PRÓSPERO

Devagar, senhor!
Encantam-se mutuamente. Mas a conquista
Não pode ser tão fácil, pois desvaloriza
O prémio final. Temos de falar! Ordeno-te,
Presta atenção! Estás aqui a usurpar
Um nome que te não pertence. Aqui vieste
Apenas para me espiares e para roubares
A ilha ao seu dono.

FERNANDO

Não, eu sou um homem honrado!

MIRANDA

Maldade alguma poderia habitar tal templo.
Se o mau espírito tivesse tão bela morada,
Muito boa gente quereria aí viver.

PRÓSPERO

Segue-me!
Não fales a seu favor. É um traidor. Vem.
Agrilhoarei teu pescoço e pés bem juntos.
Dar-te-ei água do mar. Como comida terás
Mexilhões do regato, raízes secas
E cascas de bolotas. Anda, segue-me!

FERNANDO

Não!
Resistirei a tal tratamento até
Que o meu inimigo vença.

(Fernando desembainha a espada mas, como que por encanto, não a consegue mover)

MIRANDA

Oh, meu querido pai,
Não o julgueis precipitadamente pois ele
É nobre e não covarde.

PRÓSPERO

Quê? Quererá
O meu pé ser meu tutor? Ergue a espada, traidor,
Soubeste tirá-la mas não te atreves a usá-la,
Dói-te a consciência. Por que estás tu em guarda?
Pois se eu até com esta vara conseguiria
Fazer cair a tua arma!

MIRANDA

Eu vos rogo, pai!

PRÓSPERO

Deixa-me! Larga-me a roupa!

MIRANDA

Tende piedade!
Ficarei por ele.

PRÓSPERO

Silêncio! Uma palavra mais
E terei de te ralhar e talvez de te odiar.
Intercedes por um impostor? Cala-te!

Pobre criança! Crês que não há mais como ele,
Tendo visto apenas a ele e a Calibã.
Comparado com os outros ele é Calibã
E eles são anjos.

MIRANDA

Meus afectos são então
Muito humildes, pois não tenho qualquer ambição
De conhecer ser mais perfeito.

PRÓSPERO

Vá, obedece!
Tua energia parece ter voltado à infância
Pois não tens já qualquer vigor.

FERNANDO

Assim é.
Como num sonho, minha vitalidade foi-se.
A perda de meu pai, esta fraqueza que sinto,
O naufrágio dos meus amigos e as ameaças
Deste homem que me domina são baixo preço
Se esta minha prisão me permitir ver
Uma vez por dia esta donzela. Deixai
A liberdade para os outros cantos da terra!
Tenho espaço que chegue nesta prisão.

PRÓSPERO

Já está! Resultou. -
Trabalhaste bem, meu bom Áriel.
Segue-me.
Escuta o que mais terás de fazer.

MIRANDA

Coragem.
A natureza de meu pai é melhor, senhor,
Do que a mostra que dele deu o seu discurso.
Isto não é o seu costume.

PRÓSPERO

Tu serás livre
Como os ventos das montanhas, mas antes terás
De fazer o que te ordeno.

ÁRIEL

Ponto por ponto.

PRÓSPERO

Vem, segue-me! Não intercedas por ele.

Saem.

II ACTO

CENA 1

Entram Alonso, Sebastião, António, Gonçalo, Adriano, Francisco e outros.

GONÇALO

Peço-vos, senhor, animai-vos. Tendes motivo -
- Todos o temos - para a alegria. Escaparmos
Conta mais do que o que perdemos. Estas coisas
São comuns. Há sempre uma mulher de marinheiro,
O capitão de um navio e os seus oficiais,
A chorarem pelo mesmo. Mas poucos são
Os que por milagre se salvam e podem
Falar como nós. Contrabalançai o peso
Da nossa mágoa e do nosso consolo.

ALONSO

Deixa-me, por favor.

SEBASTIÃO

Para ele é sopa fria o consolo que lhe dão.

ANTÓNIO

O consolador não o larga tão cedo.

SEBASTIÃO

Repara, está a dar corda ao relógio do espírito.
Está aqui está a dar horas.

GONÇALO

Senhor.

SEBASTIÃO

Já deu a uma - vai contando.

GONÇALO

Quando alguém recebe a mágoa em sua casa,
Tudo o que ganha é -

SEBASTIÃO

Um dólar.

GONÇALO

Sim, uma dor, é o que ganha. Falastes mais verdade do que pensais.

SEBASTIÃO

Também entendesteis melhor do que eu supunha.

GONÇALO

Portanto, meu senhor -

ANTÓNIO

Irra, que ele não poupa a língua a despesas!

ALONSO

Poupa-me, eu te rogo.

GONÇALO

Pronto, já parei. E no entanto...

SEBASTIÃO

Ele hoje não se cala.

ANTÓNIO

Qual dos dois, ele ou Adriano, para uma boa parada, apostas que canta primeiro?

SEBASTIÃO

O galo velho.

ANTÓNIO

Eu acho que é o franganote.

SEBASTIÃO

Está dito. A que apostamos?

ANTÓNIO

Uma gargalhada.

SEBASTIÃO

Estamos combinados.

ADRIANO

Embora esta ilha pareça deserta.

ANTÓNIO

Ah, ah, ah!

SEBASTIÃO

Pronto, já estás pago.

ADRIANO

Inabitável e quase inacessível .

SEBASTIÃO

Apesar disso...

ADRIANO
Apesar disso...

ANTÓNIO
Ele não podia falhar.

ADRIANO
O clima é subtil, suave e mesmo de temperança delicada.

ANTÓNIO
Temperança era uma moça delicada.

SEBASTIÃO
Pois, e também subtil, como ele inteligentemente disse.

ADRIANO
O ar daqui envolve-nos docemente.

SEBASTIÃO
Como se tivesse pulmões, e dos podres.

ANTÓNIO
Ou como se se tivesse perfumado num pântano.

GONÇALO
Aqui tudo parece favorecer a vida.

ANTÓNIO
Pois, só não temos é meios para viver.

SEBASTIÃO
Disso cá há pouco, ou nada.

GONÇALO
Quão luxuriosa e sadia parece a erva! E como é verde!

ANTÓNIO
Na verdade, o chão é mais para o amarelo-acastanhado.

SEBASTIÃO
Com uma pintinha de verde.

ANTÓNIO
Ele não se engana por muito.

SEBASTIÃO
Não. Apenas diz o contrário do que é na realidade.

GONÇALO

Mas a excelência disto - a que quase não se pode dar crédito –

SEBASTIÃO

Há muitas coisas a que não se pode dar.

GONÇALO

É que os nossos trajos, tendo sido, como foram, ensopados pela água do mar, conservem apesar de tudo, a sua frescura e lustro, parecendo mais ter sido acabados de tingir do que desbotados pela água salgada.

ANTÓNIO

Se pelo menos um dos seus bolsos pudesse falar, dir-lhe-ia que mente.

SEBASTIÃO

Ou então, meteria ao bolso um relatório falseado.

GONÇALO

Os nossos trajos parecem-me tão novos como quando os vestimos pela primeira vez em África, para o casamento da bela filha do rei, Claribel, com o rei de Túnis.

SEBASTIÃO

Foi um belo casamento, e o regresso ainda melhor.

ADRIANO

Nunca antes Túnis havia sido agraciada com uma rainha tão perfeita.

GONÇALO

Pelo menos desde o tempo da viúva Dido.

ANTÓNIO

Viúva? Raios te partam! Como é que a viúva é para aqui chamada? A viúva Dido!

SEBASTIÃO

Que tem? E que mal teria se ele quisesse falar do viúvo Eneias? Meu Deus, levás isto mesmo a sério!

ADRIANO

Viúva Dido, dizes tu? Tenho de estudar melhor o assunto. Ela era de Cartago, não de Túnis.

GONÇALO

É que esta Túnis, senhor, dantes era Cartago.

ADRIANO

Cartago?

GONÇALO

Cartago, asseguro-vos.

ANTÓNIO

E que coisa impossível vai ele dar como fácil já de seguida?

SEBASTIÃO

Acho que vai levar a ilha para casa no bolso e dá-la ao filho como se fosse uma maçã.

ANTÓNIO

E atirando os caroços ao mar vai plantar ainda mais ilhas.

GONÇALO

Pois!

ANTÓNIO

Olha, vem mesmo em boa hora.

GONÇALO

Senhor, estávamos a dizer que os nossos trajos parecem agora tão novos como quando estávamos em Túnis, no casamento da vossa filha, que é agora rainha.

ANTÓNIO

E a mais perfeita que Túnis teve.

SEBASTIÃO

Peço-vos que não vos esqueçais da viúva Dido.

ANTÓNIO

Oh, a viúva Dido? Ah, sim, a viúva Dido.

GONÇALO

Não é verdade, senhor, que o meu gibão está tão novo como no primeiro dia em que o vesti? Quero dizer, de certa forma.

ANTÓNIO

Aí está uma forma muito rebuscada.

GONÇALO

Como quando o vesti para o casamento da vossa filha.

ALONSO

Enches-me os ouvidos com palavras que só ferem
O âmago do meu ser. Não tivesse eu casado
Minha filha em Túnis! Pois foi em virtude disso
Que perdi o meu filho e a ela também pois creio
Que estando ela tão longe de Itália não mais
A irei rever. Oh, meu herdeiro
De Nápoles e de Milão, que estranho peixe
Fez de ti o seu repasto?

FRANCISCO

Ele deve estar vivo.
Vi-o a vencer as vagas,
Cavalgar a crista do mar. Ele abriu caminho
Por entre as ondas hostis e enfrentou-as sem medo
Quando se encapelavam. Sua cabeça altiva
Se manteve acima da fúria das vagas.
Com braçadas enérgicas remou para a margem
Que, gasta pela água, parecia curvar-se
Para lhe oferecer auxílio. Não duvido
Que tenha sobrevivido.

ALONSO

Não, não, está perdido.

SEBASTIÃO

Apenas a vós se deve tão grande perda.
Não haveis querido dar à Europa a vossa filha.
Tendo-a abandonado a um africano,
Banísteis a princesa do vosso olhar
Tendes razão agora para vos lamentardes.

ALONSO

Paz, eu vos rogo!

SEBASTIÃO

Todos nos ajoelhámos diante de vós
E suplicámos. A própria bela alma hesitou
Entre a repugnância e a obediência
Mas esta falou mais alto. Perdesteis vosso filho
Para sempre, receio bem. Milão e Nápoles
Terão mais viúvas por causa disso do que
Temos nós homens para as consolar.
A culpa é vossa.

ALONSO

O que torna a perda pior.

GONÇALO

Meu Senhor Sebastião,
Às vossas verdades falta a caridade
E o sentido da oportunidade. Esfregais a ferida
Quando deveríeis aplicar o penso.

SEBASTIÃO

Assim é.

ANTÓNIO

E muito cirúrgico.

GONÇALO

Meu bom senhor, para todos faz mau tempo
Quando estais sombrio.

SEBASTIÃO

Mau tempo?

ANTÓNIO

Do piorio.

GONÇALO

Se me confiassem o plantio desta terra...

ANTÓNIO

Ele plantava urtigas!

SEBASTIÃO

Ou azedas, ou malvas.

GONÇALO

E se eu fosse o rei dela, o que faria?

SEBASTIÃO

Embebedar-se não podia, pois não há vinho.

GONÇALO

Na minha república vigoraria a lei
Dos contrários. Proibiria o comércio
De toda a espécie e também a instrução.
Nada de magistrados, riquezas, pobreza,
Criados, contratos, heranças, fronteiras,
Limites de propriedade, lavoura, vinhas!
Nada de metais, cereais, vinho, azeite.
Nada de ocupações: todos ociosos, todos,
As mulheres também, mas inocentes e puras.
Nada de soberania.

SEBASTIÃO

E, no entanto, ele queria ser o rei!

ANTÓNIO

Esta última parte da sua república esquece os seus princípios.

GONÇALO

Tudo em comum a natureza produziria
Sem suor nem empenho. Traições, crimes,

Espadas, lanças, facas, pistolas, armas
Enfim, não existiriam. A natureza
Providenciaria tudo em abundância
Para alimentar o meu inocente povo.

SEBASTIÃO

E os súbditos dele, casariam ou não ?

ANTÓNIO

Nem um só, homem! Meretrizes e rufiões.

GONÇALO

Governaria com tal perfeição, meu senhor,
Melhor que na Idade do Ouro.

SEBASTIÃO

Majestade!

ANTÓNIO

Viva Gonçalo!

GONÇALO

E ouvis-me, senhor?

ALONSO

Peço-te que pares. Dizes coisas que nada significam para mim.

GONÇALO

Acredito em vossa Alteza. Eu falava para estes homens, que têm uns pulmões tão sensíveis e ágeis que se riem a propósito de nada.

ANTÓNIO

Era de ti que ríamos.

GONÇALO

De mim, que neste tipo de brincadeiras nada valho; por isso continuem para aí, a rir de nada.

ANTÓNIO

Um golpe de espada assentava-lhe mesmo bem!

SEBASTIÃO

Desde que não fosse dado com o lado cego da lâmina!

GONÇALO

Estais cheios de energia, senhores! Seríeis capazes de arrancar a lua da sua órbita.

Entra Ariel, tocando uma música solene.

SEBASTIÃO

Assim o faríamos e usaríamos depois a lua como candeio para a caça aos pássaros.

ANTÓNIO

Vá lá, meu bom senhor, não vos zangueis!

GONÇALO

Não me zango, asseguro-vos. Não arriscarei a minha moderação por tão pouco. Por que não continuais a rir até eu adormecer? Sinto-me pesado.

ANTÓNIO

Dormi, e continuai a ouvir-nos.

ALONSO

Como? Todos dormem? Quem me dera que meus olhos Da mesma forma encerrassem meus pensamentos. Creio que o vão fazer.

SEBASTIÃO

Eu vos peço, senhor, Não recuseis a oferta que o sono vos faz, Raramente visita os que sofrem e então Oferece consolo.

ANTÓNIO

Nós dois, senhor, Montar-vos-emos guarda enquanto dormis. Estareis seguro.

ALONSO

Obrigado. Mas que sono!

SEBASTIÃO

Que estranha sonolência deles se apossou!

ANTÓNIO

É certamente devido ao clima.

SEBASTIÃO

Então Por que não nos faz ele também cerrar as pálpebras? Não tenho sono.

ANTÓNIO

Nem eu. Meus sentidos estão alerta. Dormem todos; parece até que combinaram Ou que caíram atingidos por um raio. Que poder, bom Sebastião - oh, que poder? - Basta!

E contudo parece-me ver no teu rosto
O que poderás ser. A ocasião convida-te
E minha imaginação vê uma coroa
Na tua cabeça.

SEBASTIÃO

Como? Estarás acordado?

ANTÓNIO

Não me ouves falar?

SEBASTIÃO

Ouço, e certamente
É uma linguagem de sono, a que falas
Enquanto dormes. Que foi que disseste?
É um estranho repouso, este de dormir
De olhos abertos; de pé, falando e mexendo-me,
E dormindo, contudo.

ANTÓNIO

Nobre Sebastião,
Deixas tua fortuna dormir - ou antes, morrer;
Dormes acordado.

SEBASTIÃO

Ouço-te bem ressonar.
É um ressonar cheio de sentido.

ANTÓNIO

Falo mais sério do que é meu costume e tu
Se fizeres outro tanto e me escutares serás
Três vezes maior do que és.

SEBASTIÃO

Sou água estagnada.

ANTÓNIO

Ensino-te a correr.

SEBASTIÃO

Fá-lo, pois a preguiça
Que me é natural só me ensina a vazar.

ANTÓNIO

Oh,
Se conhecesses o valor desses desígnios
De que agora zombas! Como, ao desnudá-los,
Ainda os engrandeces mais! Sabes, os perdedores
São levados a viver junto à vazante

Pelos seus medos ou preguiça.

SEBASTIÃO

Fala, peço-te.

A expressão dos teus olhos e o teu rosto
Anunciam novidades; parto difícil, este,
Que te faz agonizar.

ANTÓNIO

Assim seja, senhor.

Apesar deste nobre de pouca memória,
Que menos memória terá quando estiver
Enterrado, quase ter persuadido o rei -
- Pois ele é um espírito de persuasão,
É o que melhor faz - que seu filho está vivo,
É tão impossível que não esteja afogado
Como é nadar aos que aqui dormem.

SEBASTIÃO

Não tenho esperança
De que esteja vivo.

ANTÓNIO

E nessa falta de esperança
Que esperança tão grande para ti! Esperança assim
É uma tão bela esperança que nem mesmo
A ambição pretende furar mais fundo.
Mas uma dúvida persiste. Concordas comigo
Que Fernando morreu?

SEBASTIÃO

Ele foi-se.

ANTÓNIO

Diz-me, então,
Quem é o herdeiro de Nápoles?

SEBASTIÃO

Claribel.

ANTÓNIO

A que é rainha de Túnis; a que vive
A dez léguas do mundo habitado; que de Nápoles
Não terá notícias - só se o sol fizer de correio -
- O homem da lua é muito lento - antes que os queixos
Dos bebés cheguem a ser escanhoados; ela
Que nos fez afogar, embora estejamos prontos,
É o nosso fardo, para representar um acto
De que o passado é prólogo e o futuro

Está nas tuas e minhas mãos.

SEBASTIÃO

Mas que é isto?

O que dizes?

É verdade que a minha sobrinha herda Nápoles

E que vive em Túnis, e que entre os dois países

Existe uma grande distância.

ANTÓNIO

Distância tão grande

Que parece gritar: Como poderá Claribel

Passar por nós para ir para Nápoles? Que fique em Túnis,

E que Sebastião desperte. Nem que a morte

Se apoderasse deles ficariam piores

Do que já estão. Outros há para governar Nápoles

Tão bem quanto este que dorme. Nobres capazes

De palrar tanto e tão amplamente quanto este

Gonçalo.

Oh, se tu

Tivesses os meus pensamentos! Como este sono

Te engrandeceria. Compreendes-me agora?

SEBASTIÃO

Creio que sim.

ANTÓNIO

E como acolhes então

A fortuna que se te oferece?

SEBASTIÃO

Recordo

Que suplantaste teu irmão Próspero.

ANTÓNIO

Assim é.

E vê como me assentam bem estes trajos,

Bem melhor do que antes. Os seus servos,

Então meus companheiros, são agora meus homens.

SEBASTIÃO

E a tua consciência?

ANTÓNIO

Onde está ela? Se me fizesse gretas

Usava chinelos para acalmar; mas eu não sinto

Tal divindade no meu peito. Vinte consciências

Me separam de Milão, que cristalizem

E derretam antes de me molestarem. Alonso

Não seria melhor do que a terra em que jaz
Se estivesse como agora parece - morto.
Com três polegadas deste aço obediente
Poderei pô-lo no leito para sempre; tu,
Fazendo o mesmo, darás o sono eterno
À velha carcaça, a este senhor Prudêncio,
Que não nos censuraria por tal. Quanto aos outros,
Seguir-nos-ão como o gato que cheira ao leite.
Acertarão o relógio pela hora
Que lhes ditarmos.

SEBASTIÃO

Teu caso, amigo,
Servir-me-á de exemplo. Tomaste Milão,
Eu tomarei Nápoles. Um só golpe de espada
E ficarás livre do tributo que pagas
E eu, o rei, amar-te-ei.

ANTÓNIO

Façamo-lo juntos.
Quando eu erguer minha mão, ergue a tua para que
Caia sobre Gonçalo.

SEBASTIÃO

Só mais uma palavrinha.

Entra Ariel; ouve-se música e um coro.

ÁRIEL

Pelas suas artes prevê meu amo o perigo
Em que vós, seu amigo, vos encontrais e envia-me
Para vos salvar - bem como ao seu plano.

Canta ao ouvido de Gonçalo

Enquanto aqui ressonais

Uma conspiração vigilante

Toma forma, a todo o instante.

Se à vida tendes amor

Sacudi o sono, senhor.

Acordai, desse torpor!

ANTÓNIO

Façamo-lo de uma só vez.

GONÇALO

Oh, bons anjos,

Salvai o Rei!

Os outros acordam

ALONSO

Que há? Acordai! Porquê a espada na mão?
E porquê esse olhar sinistro?

GONÇALO

Que se passa?

SEBASTIÃO

Enquanto guardávamos o vosso repouso
Ouvimos o bramir de rugidos surdos,
Como de touros ou leões. Não vos acordou?
Encheu meus ouvidos de terror.

ALONSO

Nada ouvi.

ANTÓNIO

Tal barulho assustaria qualquer monstro,
Faria tremer a terra! Foi por certo um bando
De leões rugindo.

ALONSO

Ouvistes isto, Gonçalo?

GONÇALO

Palavra de honra, senhor, que ouvi um sussurro,
Bem estranho, por certo, que me acordou.
Abanei-vos e gritei. Quando abri meus olhos
Vi-os de espada na mão. Ruído houve,
É certo. Melhor será montarmos guarda
Ou irmo-nos daqui. Puxemos das armas!

ALONSO

Partamos e continuemos a procurar
Meu pobre filho.

GONÇALO

Os céus o protejam destas bestas!
Pois ele está por certo na ilha.

ALONSO

Ide à frente.

ÁRIEL

Próspero, meu senhor, saberá o que fiz.
Ide, rei, e procurai em paz o vosso filho.

CENA 2

Entra Calibã com um feixe de lenha; ouve-se o ribombar de trovões.

CALIBÃ

Que todas as infecções que o sol sorve
Nos charcos e pântanos caiam sobre Próspero
E lhe ulcerem o corpo! Seus espíritos ouvem-me,
Mas eu amaldiçoo-o. Sei que me não me picam,
Me assustam com ouriços, me atiram à lama
Ou me usam como tição na noite escura
Se ele não o ordenar. Qualquer ninharia,
E tenho-os ao pé. Por vezes, como macacos,
Fazem-me caretas, guincham-me ao ouvido
E mordem-me. Outras, como ouriços,
Atiram-se para baixo dos meus pés descalços
E picam-me a cada passada. Por vezes
Ferem-me como víboras de língua bífida
E enlouquecem-me com os seus silvos.

Olha agora!

Entra Trínculo

Aí vem um espírito para me atormentar
Já que a lenha demorou. No chão me estenderei,
Talvez não dê por mim.

TRÍNCULO

Aqui não há moita nem arbusto que me abrigue do mau tempo e está para rebentar uma tempestade. Ouço-a cantando no vento. Além, aquela nuvem negra, enorme, parece um odre prestes a despejar o seu líquido. Se trovejar como antes, não sei onde poderei esconder a minha cabeça. E está-se mesmo a ver que aquela nuvem vai despejar água aos potes. O que temos aqui? Um homem ou um peixe? Vivo ou morto? Um peixe! Cheira a peixe, um peixe bem podre, por sinal: uma espécie de merlúcio. Que estranho peixe! Se estivesse agora em Inglaterra, onde estive já uma vez, e pintasse o seu retrato numa tabuleta, nenhum domingueiro parvo deixaria de me dar uma moeda de prata. Com este monstro faria uma fortuna! Qualquer monstro lá torna um homem rico. Os ingleses são incapazes de dar uma moeda a um pedinte estropiado, mas darão dez para verem um índio morto. E tem pernas de homem! E as barbatanas parecem braços! E está quente, juro! Agora vou dar a minha opinião, já não a posso suster. Isto não é um peixe, mas um ilhéu apanhado por um raio.

Ai de mim, que a tempestade está a chegar. O melhor será meter-me debaixo do manto dele. Não há outro abrigo por aqui. A miséria dá-nos a conhecer estranhos companheiros de cama! Aqui ficarei até que os últimos pingos da tempestade passem.

Entra Estêvão, cantando.

ESTÊVÃO

Para o mar não mais irei
Em terra firme morrerei.

Esta música miserável está bem é para um funeral! Ah, aqui está o meu consolo!

Bebe e depois canta

O capitão e o grumete, o contramestre e eu,
O artilheiro e o seu companheiro,
Todos namorámos a Micas, a Guida,
A Mariana e a Margarida.
Mas não quisemos a Catarina
Que tem língua viperina.
Aos marinheiros dizia: Vai-te enforcar!
Só porque o cheiro a piche não podia suportar.
Contudo, podíamos bem todos tirar-lhe a comichão.
Vamos para o mar, rapazes, que se enforque ela, eu não!

Esta música é também do mais miserável que há.

Mas sempre tenho o meu
consolo.

Bebe.

CALIBÃ

Não me atormentes, oh!

ESTÊVÃO

Que se passa? Temos demónios aqui? Ou serão selvagens e homens da Índia com vontade de pregar partidas? Olha que eu não escapei de morrer afogado para ter medo de quatro pernas. Pois já diz o ditado: Não é um homem de quatro pernas que o fará ceder, e isto aplica-se a mim, Estêvão, enquanto eu respirar pelas narinas.

CALIBÃ

O espírito atormenta-me, oh!

ESTÊVÃO

É sem dúvida um monstro da ilha com quatro pernas que apanhou, ao que parece, a febre malária. Onde diabo poderá ele ter aprendido a nossa língua? Vou prestar-lhe algum auxílio, quanto mais não seja por isso! Se o conseguir curar, e domesticá-lo, e levá-lo para Nápoles comigo, será um presente digno de qualquer imperador que tenha calçado botas ensebadas.

CALIBÃ

Não me atormentes, suplico-te. Eu levo já lenha para casa.

ESTÊVÃO

Está a ter um ataque e não diz coisa com coisa. Tem de provar da minha garrafa. Se nunca tiver bebido vinho, isto faz-lhe passar o ataque. Se o conseguir curar e domesticar, ele não terá preço. Quem o quiser levar, há-de pagá-lo bem caro!

CALIBÃ

Até agora, não me fizeste muito mal. Mas fá-lo-ás sem demora. Sei-o pela maneira como tremes. Próspero está a dominar-te.

ESTÊVÃO

Não estás em ti, acalma-te. Abre a boca. Isto é que te vai fazer falar, bichano. Abre a

boca. Isto vai tirar-te as tremuras, podes crer, e de que maneira! Diz lá que não sou teu amigo! Abre outra vez os beiços!

TRÍNCULO

Conheço esta voz. Parece ser - mas ele afogou-se e estes não podem ser senão diabos. Oh, quem me acode?

ESTÊVÃO

Quatro pernas e duas vozes - um monstro fino, sem dúvida! A boca da frente serve para falar bem dos amigos. A de trás só sabe falar mal e difamar. Se o vinho da minha garrafa fizer com que ele volte a si, curo-o da febre malária. Vamos! Amen! Agora vou deitar-te vinho pelas goelas da outra boca.

TRÍNCULO

Estêvão!

ESTÊVÃO

É a tua outra boca que me chama? Misericórdia! Misericórdia. Tu não és um monstro, és o diabo! Tenho de o deixar. Para comer com o diabo é preciso ter uma colher bem comprida, e disso não tenho eu aqui.

TRÍNCULO

Estêvão! Se és mesmo tu, toca-me e fala comigo; pois eu sou Trínculo - não tenhas medo - o teu bom amigo Trínculo.

ESTÊVÃO

Se és Trínculo, mostra-te. Vou puxar-te pelas pernas mais curtas. Se há aqui pernas de Trínculo têm de ser estas. Como é que deste em merda deste monstro tolo? Ele agora caga Trínculos?

TRÍNCULO

Pensei que ele tivesse sido atingido por um raio. Mas não te afogaste, Estêvão? Espero que possa crer no que vejo. Já amainou a tempestade? Escondi-me debaixo do manto destre mostrengo com medo da tempestade. Estás mesmo vivo, Estêvão? Oh, Estêvão, dois napolitanos que se salvaram!

ESTÊVÃO

Peço-te, não andes à minha roda! Tenho o estômago a andar às voltas.

CALIBÃ

Estes são dos bons, a não serem espíritos.
Eis um bravo deus, com um licor divino.
Vou ajoelhar-me diante dele.

ESTÊVÃO

Como escapaste? Como cá vieste parar? Jura por esta garrafa que me dirás como cá vieste dar. Eu escapei montado numa pipa de vinho que os marinheiros lançaram

borda fora. Juro-o por esta garrafa, que fiz da cortiça de uma árvore, com as minhas próprias mãos, assim que vim dar a terra.

CALIBÃ

Juro pelo líquido dessa garrafa que serei teu servo fiel, pois esse líquido não é terreno.

ESTÊVÃO

Toma lá! Jura, então, e diz-me como te salvaste.

TRÍNCULO

Nadei para terra, homem, como um pato. Eu nado como um pato, afianço-te.

ESTÊVÃO

Toma, beija o livro. Podes nadar como um pato, mas olha que mais pareces um ganso.

TRÍNCULO

Oh, Estêvão, tens mais disto?

ESTÊVÃO

A pipa inteira, homem. A minha adega fica num rochedo perto do mar, lá tenho todo o meu vinho escondido. E então, cretino? Como está a tua malária?

CALIBÃ

Não caíste do céu?

ESTÊVÃO

Caí foi da lua, podes crer. Eu era o homem da lua, quando lá havia um.

CALIBÃ

Já lá te vi, e adoro-te. A minha ama mostrou-me onde tu estavas, bem como o teu cão e o teu feixe de lenha.

ESTÊVÃO

Vem, jura que dizes a verdade. Beija o livro. Em breve vou enchê-la de novo. Jura!

(Calibã bebe)

TRÍNCULO

Pela luz que me alumia, este monstro é mesmo um cabeça oca! E eu com medo dele?! Que monstro tão fraco! O homem da lua! Um pobre e crédulo monstro, é o que é! Boa pinga, monstro, na verdade!

CALIBÃ

Hei-de mostrar-te cada centímetro fértil desta ilha e beijar-te os pés. Eu te suplico, sê o meu deus!

TRÍNCULO

Pelo sol que me alumia, este monstro é pérfido e bêbado! Quando o deus adormecer, rouba-lhe a garrafa.

CALIBÃ

Beijar-te-ei os pés! Serei teu servo!

ESTÊVÃO

Vá lá, então. Abaixa-te e jura!

TRÍNCULO

Ainda morro de riso com este monstro com cabeça de cachorro. Que monstro mais tihoso! Só me apetece bater-lhe.

ESTÊVÃO

Vem, beija.

TRÍNCULO

O pobre está perdido de bêbado! Que monstro abominável!

CALIBÃ

Vou mostrar-te as melhores nascentes, colher-te amoras.

Para ti, pescarei e apanharei lenha.

Que a peste leve o tirano que agora sirvo!

Não mais lhe levarei galhos para a fogueira.

Sigo-te, homem maravilhoso!

TRÍNCULO

Que monstro tão ridículo, a achar um pobre bêbado como este maravilhoso!

CALIBÃ

Deixa que te leve onde nascem os caranguejos.

Com as minhas unhas desenterrar-te-ei trufas.

Hei-de mostrar-te o ninho do gaio, levar-te a

Apanhar saguis, trazer-te carradas

De avelãs. Irei por vezes caçar, para ti,

Aves desde aquele rochedo. Virás comigo?

ESTÊVÃO

Deixa-te mas é de histórias e mostra-me o caminho. Trínculo, já que o rei e todos os nossos companheiros se afogaram, somos nós que herdamos esta ilha. Toma, leva-me a garrafa. Amigo Trínculo, vamos enchê-la vezes sem conta.

CALIBÃ (*canta, bêbado*)

Adeusinho, amo, adeusinho, adeusinho!

TRÍNCULO

Um monstro barulhento! Um monstro bêbado!

CALIBÃ

Não mais farei diques para pescar
Nem lenha trarei
Quando ele me mandar.
Não mais valas esgadanharei
Acabou-se a louça para eu lavar.
Ban, Ban, Calibã
Um novo amo arranjei .
Novo criado terás tu que buscar. Liberdade! Hurrah, hurrah! Liberdade!
Liberdade, hurrah, liberdade!

ESTÊVÃO

Ó bravo monstro! Vamos, mostra lá o caminho.

Saem

III ACTO

CENA 1

Entra Fernando, carregando um toro

FERNANDO

Há exercícios dolorosos cuja recompensa
É o deleite no labor. Há tarefas vis
Executadas com nobreza e serviços humildes
Com fins honrosos. Este meu modesto trabalho
Ser-me-ia tão pesado quanto odioso
Se a dama que sirvo não desse vida ao que está morto
Transformando o meu labor em prazer. Oh, ela é
Dez vezes mais delicada que irritável é o seu pai,
E todo ele é rigor. Tenho de transportar
Alguns milheiros de toros e empilhá-los
Sob as mais severas ordens. Minha doce senhora
Chora enquanto labuto e diz-me que tão vil trabalho
Jamais teve tal executor. Eu esqueço-me;
Mas estes doces pensamentos retemperam-me as forças
Assaltando-me quanto mais trabalho.

Entram Miranda e Próspero.

MIRANDA

Oh, eu vos rogo
Não trabalheis tanto. Quisera que um raio destruísse
Esses toros que fostes intimado a empilhar!
Por favor, sentai-vos e descansai. Quando este arder
Há-de chorar por vos ter fatigado. Meu pai
Dedica-se ao seu estudo. Peço-vos, descansai.
Temo-lo seguro por três horas.

FERNANDO

Oh, ama queridíssima,
O sol há-de pôr-se antes que eu cumpra
O que me empenhei em fazer.

MIRANDA

Se vos sentásseis
Carregaria eu os toros. Rogo-vos, dai-me esse.
Pô-lo-ei na pilha.

FERNANDO

Não, criatura preciosa.
Antes rasgasse os tendões e partisse as costas
Que permitir que tal desonra vos cobrisse
Enquanto me sentasse ocioso.

MIRANDA

Cobrir-me-ia

Tal como a vós; eu cumpriria o vosso trabalho
Com maior facilidade; pois essa é minha vontade,
Embora contrária à vossa.

PRÓSPERO

Pobre lagarta, estás infectada.
Esta visita assim o mostra.

MIRANDA

Pareceis exausto.

FERNANDO

Não, nobre ama. Sinto-me com o vigor da manhã
Quando à noite estais por perto. Eu vos rogo,
Para que o possa incluir nas minhas preces,
Que nome tendes?

MIRANDA

Miranda. Oh, meu pai,
Desobedeci-vos!

FERNANDO

Admirável Miranda!
Sois, de facto, o cúmulo da admiração, digna
Do que de mais precioso há no mundo. Muitas damas
Mirei com apreço e muitas foram as vezes
Que a harmonia das suas vozes capturou
O meu ouvido atento. Por muitas virtudes
Admirei eu muitas mulheres. Mas nunca nenhuma
Com esta entrega de alma, pois sempre algum defeito
Rivalizava com os seus maiores encantos,
Levando a melhor. Mas vós, oh, vós,
Tão perfeita e tão sem par, fostes criada
Com o melhor de todas as criaturas.

MIRANDA

Nunca vi
Ninguém do meu sexo; rostos de mulher não recordo,
A não ser o meu, no espelho. Nem jamais vi
Do que homem posso chamar, senão a vós, bom amigo,
E meu querido pai. De como as feições são lá fora
Não faço ideia. Mas, na minha simplicidade,
A jóia do meu dote, não quereria
Outro companheiro no mundo senão vós;
Nem pode a imaginação conceber outra forma
Que mais me agrade do que a vossa. Mas tagarelo

Como uma louca, e os preceitos de meu pai
Assim esqueço.

FERNANDO

Eu sou, por nascimento,
Um príncipe, Miranda; creio mesmo, um rei –
Antes o não fosse – e não mais quisera suportar
Esta rude escravidão do que ver meus lábios
Contaminados pela mosca varejeira. Ouvi,
É minha alma que fala. Mal vos vi,
Meu coração voou para vos servir, aí ficou
Tornando-me vosso escravo; e é apenas por vós
Que sou este paciente lenhador.

MIRANDA

Amais-me?

FERNANDO

Ó céus, ó terra, testemunhai estas palavras,
E coroi o que confesso com o vosso favor
Se o que digo for verdade. Se for falso, inverti
O que melhor espero em desgraça. Eu,
Para além de todos os limites que há no mundo,
Amo-vos, estimo-vos, adoro-vos.

MIRANDA

Sinto-me tola
Por chorar pelo que me faz feliz.

PRÓSPERO

Ditoso encontro
De duas afeições excepcionais. Derramem os céus
Bençãos sobre o que deles nascer!

FERNANDO

Por que chorais?

MIRANDA

Pelo meu desmerecimento, que não ousa oferecer
O que quiser dar, e muito menos aceitar
O que morreria por não ter. Isto nada vale.
Mas quanto mais se tenta ocultar, maior se revela.
Fora com as espertezas meio envergonhadas!
E tu, simples e sagrada inocência, inspira-me!
Serei vossa mulher se me quiserdes desposar.
Se não me quiserdes, morrerei vossa criada.
Podeis recusar-me para vossa companheira,
Mas nunca impedir-me de vos servir.

FERNANDO
Senhora amada,
E eu sempre humilde.

MIRANDA
Meu marido, então?

FERNANDO
Sim, o meu coração deseja-o tanto
Como a escravidão quer a liberdade. Eis a minha mão.

MIRANDA
E a minha, e nela o meu coração; e agora adeus,
Até daqui a meia hora.

FERNANDO
Mil vezes, mil vezes adeus!

Saem.

PRÓSPERO
Tão feliz com isto como eles não posso estar,
Tendo sido apanhados de surpresa, mas o meu júbilo
Não poderia ser maior. Volto agora aos meus livros
Pois antes da hora de jantar tenho de fazer
Ainda muito a este respeito.

Sai

CENA 2

Entram Calibã, Estêvão e Trínculo.

ESTÊVÃO

Não me venhas com isso. Quando a pipa se acabar, beberemos água; nem uma pinga antes. Portanto, aguenta-te e bebe. Criado monstro, bebe à minha saúde.

TRÍNCULO

Criado monstro? A aberração desta ilha! Dizem que na ilha há cinco como nós; nós somos três deles. Se os outros dois partilharem da nossa falta de miolos, o estado vacila.

ESTÊVÃO

Bebe, criado monstro, quando eu te digo. Tens os olhos quase na cabeça.

TRÍNCULO

E onde querias que estivessem? Seria um monstro a valer se os tivesse no rabo!

ESTÊVÃO

O meu homem-monstro afogou a língua em vinho. No que me toca, o mar não conseguiu afogar-me. Nadei aos bocados, até chegar à costa, umas trinta e cinco léguas. Pelo sol que nos alumia, vou fazer de ti o meu lugar-tenente, ou o meu porta-bandeira.

TRÍNCULO

Antes teu lugar-tenente, se assim o queres, que ele nem consigo pode.

ESTÊVÃO

Não vamos fugir, Monsieur Monstro.

TRÍNCULO

Nem sequer a passo; ficareis para aí estendidos como cães, sem dizer uma palavra.

ESTÊVÃO

Mostrengo, fala por uma vez na vida, se és um mostrengo que se preza.

CALIBÃ

Como está a tua senhoria? Deixa-me lamber-te os sapatos. A ele é que eu não sirvo. Falta-lhe bravura.

TRÍNCULO

Mentes, monstro ignorante! Sinto-me capaz de desafiar um guarda! Então tu, seu peixe debochado, tu, alguma vez viste um covarde beber tanto vinho como eu bebi hoje? Como podes dizer uma mentira tão monstruosa, sendo tu metade peixe metade monstro?

CALIBÃ

Olha só como ele zomba de mim! E tu consentes, meu senhor?

TRÍNCULO

"Senhor", diz ele? Como é que um monstro pode ser tão cretino?

CALIBÃ

Olha, olha, outra vez! Morde-lhe até que morra, eu te suplico.

ESTÊVÃO

Trínculo, tem cuidado com a língua. Se eu vir que tu te amotinas – é logo na primeira árvore! O pobre monstro é meu súbdito; não consentirei que sofra indignidades.

CALIBÃ

Eu te agradeço, meu nobre senhor. Dignar-te-ás ouvir de novo o pedido que te fiz?

ESTÊVÃO

Pela Virgem Maria, assim o farei. Ajoelha-te e repete. Ficarei de pé, assim como Trínculo.

Entra Ariel, invisível.

CALIBÃ

Como te disse já, estou submetido a um tirano, um feiticeiro, que com as suas artes me vigarizou e roubou a ilha.

ÁRIEL

Mentes.

CALIBÃ

Tu é que mentes, seu macaco zombador, tu.
Quem me dera que o meu valente senhor desse cabo de ti!
Eu não minto.

ESTÊVÃO

Trínculo, se voltas a interromper o seu relato, juro-te por esta mão que te desenraízo alguns dentes.

TRÍNCULO

Como? Eu não disse nada.

ESTÊVÃO

Caluda, então; já chega! Continua!

CALIBÃ

Como dizia, com os seus feitiços tirou-me a ilha,
Roubou-ma; se a tua grandeza quiser
Vingar-me disso – pois eu sei que és valente,
Enquanto que este...

ESTÊVÃO

Isso é mais que certo.

CALIBÃ

Serás o senhor da ilha, e eu servir-te-ei.

ESTÊVÃO

Mas como se há-de fazer isso? Podes levar-me até junto deles?

CALIBÃ

Sim, sim, meu senhor, eu entrego-to a dormir,
Para que lhe craves um prego na cabeça.

ÁRIEL

Mentes, não o podes fazer.

CALIBÃ

Que parvo é este arlequim! Seu bobo desprezível!
Peço a tua grandeza que lhe desfiras uns golpes,
E lhe tires a garrafa. Quando a não tiver,
Só beberá água salgada, pois não lhe mostrarei
Onde estão as nascentes vivas.

ESTÊVÃO

Trínculo, não brinques com o perigo. Interrompe o monstro uma vez mais e juro, por esta mão, que mando a compaixão ao ar e deixo-te achatado como um bacalhau seco.

TRÍNCULO

O quê, mas o que fiz eu? Eu não disse nada. Vou ali mais para diante.

ESTÊVÃO

Não disseste que ele mentia?

ÁRIEL

Mentes.

ESTÊVÃO

Ai minto? Então toma!
Se gostas disto, então torna a dizer que minto.

TRÍNCULO

Eu não disse que mentias. Perdeste o juízo e também o ouvido? É o que faz o vinho e a tua bebedeira. Que o teu monstro apanhe a peste e o diabo te leve os dedos!

CALIBÃ

Ah, ah, ah!

ESTÊVÃO

Agora continua a tua história... Peço-te, chega-te para lá.

CALIBÃ

Dá-lhe com força. Daqui a pouco
Dou-lhe eu também.

ESTÊVÃO

Chega-te para lá...vamos, continua

CALIBÃ

Bem, como te disse, ele costuma dormir
De tarde. Poderás abrir-lhe os miolos
Depois de lhe teres apanhado os livros. Ou com um toro
Arrombar-lhe o crânio, ou estripá-lo com um pau,
Ou cortar-lhe as goelas com a tua faca. Lembra-te,
Tens de lhe tirar os livros, pois sem eles
É um imbecil tal como eu e nem um só
Espírito lhe obedecerá. Odeiam-no
Tanto como eu. Queima-lhe só os livros.
Ele tem ricos utensílios, como lhes chama,
Para adornar a sua casa se um dia a tiver.
Mas o que vale mesmo a pena teres em conta
É a beleza da sua filha. Ele próprio
Lhe chama “a sem par”. Nunca vi uma mulher
A não ser minha mãe, Sycorax, e Miranda;
Mas ela ultrapassa em muito Sycorax
Tal como o grande suplanta o pequeno.

ESTÊVÃO

É assim tão bela?

CALIBÃ

É, sim, senhor. Adornará bem a tua cama.
Garanto que te dará belos filhos.

ESTÊVÃO

Monstro, eu mato esse homem. A sua filha e eu seremos Rei e Rainha – Deus nos
guarde – e Trínculo e tu sereis vice-reis. Agrada-te a ideia, Trínculo?

TRÍNCULO

Acho-a excelente.

ESTÊVÃO

Dá-me a tua mão. Desculpa-me por te ter batido; mas, enquanto viveres, vê se tens
tento na língua.

CALIBÃ

Dentro de meia hora estará a dormir.
Darás então cabo dele?

ESTÊVÃO

Sim, palavra de honra.

ÁRIEL

Tenho de contar isto ao meu amo.

CALIBÃ

Fazes-me feliz. Todo eu sou prazer.
Alegremo-nos! E se cantássemos em cânone
A canção que há pouco me ensinaste?

ESTÊVÃO

A teu pedido, monstro, tudo farei, desde que seja razoável. Vamos, Trínculo,
cantemos.

Cantam

Zomba e escarnece

Escarnece e zomba

Livre é o pensamento (como uma pomba).

CALIBÃ

A música não é assim.

Áriel toca a melodia num tamborim e numa flauta de cana.

ESTÊVÃO

O que é isto?

TRÍNCULO

É a melodia da nossa canção tocada pela figura de Ninguém.

ESTÊVÃO

Se és homem, mostra-te tal qual és. Se és o demónio, faz como te aprouver.

TRÍNCULO

Oh, perdoai os nossos pecados!

ESTÊVÃO

Quem morre já tem as dívidas saldadas. Desafio-te. Misericórdia!

CALIBÃ

Tens medo?

ESTÊVÃO

Não, monstro, não tenho.

CALIBÃ

Não tenhas medo; a ilha está cheia de ruídos,
Sons, doces melodias, que deleitam sem ferir.
Por vezes sons agudos de mil instrumentos
Zumbem aos meus ouvidos; outras vezes são vozes
Que me fazem adormecer mesmo quando desperto
Após um prolongado sono. E então, em sonhos,
Parece-me que as nuvens se abrem mostrando riquezas
Prestes a cair sobre mim, e, quando acordo,
Desespero por adormecer de novo.

ESTÊVÃO

Este vai ser um bom reino para mim: terei música sem ter de pagar.

CALIBÃ

Mas só quando tiveres dado cabo de Próspero.

ESTÊVÃO

Assim farei dentro de instantes. Não esqueci a tua história.

TRÍNCULO

O som afasta-se. Sigamo-lo e façamos o que temos a fazer.

ESTÊVÃO

Mostra-nos o caminho, monstro; nós seguimos-te. Quem me dera poder ver aquele tamborileiro. A sua música fenece.

TRÍNCULO

Vens ou não? Eu vou atrás de ti, Estêvão.

Saem.

CENA 3

Entram Alonso, Sebastião, António, Gonçalo, Adriano, Francisco e outros

GONÇALO

Pela Virgem Maria, não posso mais, senhor. Meus velhos ossos ressentem-se. Estamos num labirinto, ora a direito, ora com curvas. Tende paciência, tenho de descansar.

ALONSO

Não vos censuro, velho fidalgo,
Pois também eu fui tomado pela fadiga
Que entorpece o meu ânimo. Sentai-vos e descansai,
Aqui mesmo me descarto da esperança,
Não a quero mais por companheira. Afogou-se
Aquele que procuramos e o mar zomba de nós
E da nossa busca frustrada. Bem, deixemo-lo ir.

ANTÓNIO

Estou contente que ele tenha perdido a esperança.
Mas não esqueçais vós, levado pelo escrúpulo,
O que estáveis resolvido a fazer.

SEBASTIÃO

Mal possa
Fá-lo-ei.

ANTÓNIO

Que seja então esta noite;
Pois agora que estão derreados pela viagem
O seu poder de vigilância será bem menor
Do que se estivessem frescos.

Ouve-se uma música estranha e solene. Próspero, por cima da cena, não é visto pelos demais actores. Entram várias figuras bizarras, trazendo uma mesa de banquete. Dançam perto desta, cumprimentando de forma graciosa, convidam o rei, etc, a comer, e retiram-se.

SEBASTIÃO

Esta noite. E agora basta.

ALONSO

Mas que sons são estes? Bons amigos, escutai!

GONÇALO

A música é doce e maravilhosa!

ALONSO

Guardai-nos, anjos do céu. Quem são estes?

SEBASTIÃO

Fantoches vivos. Depois disto acredito
Que há unicórnios; que na Arábia há uma árvore
Que serve de trono à Fénix, nesta mesma hora
Em que vos falo.

ANTÓNIO

Também eu agora acredito;
E tudo o mais que tem sido posto em causa
Jurarei ser verdade. Os viajantes não mentem,
São os loucos que não partem que os condenam.

GONÇALO

Se em Nápoles
Eu contasse isto, acreditar-me-iam?
Se eu dissesse que tinha visto tais ilhéus? -
- Pois é certo que isto é gente cá da ilha -
- Que, embora com formatos monstruosos são, notai,
Mais gentis e delicados nas maneiras
Do que muitos da espécie humana.
Não, do que quase todos.

PRÓSPERO

Mui honrado senhor,
Falaste bem pois alguns dos que aí estão
São piores do que demónios.

ALONSO

Deixam-me espantado
Tais formas, tais gestos, tais sons, que expressam,
Embora sem o recurso à palavra, uma espécie
De discurso mudo.

PRÓSPERO

Guarda os elogios para o fim.

FRANCISCO

Desaparecem de modo estranho.

SEBASTIÃO

Pouco importa.
Deixaram-nos comida, e nós temos apetite.
Não quereis provar o que trouxeram?

ALONSO

Eu não.

GONÇALO

Tende fé, senhor, e não medo. Quando éramos rapazes,
Quem acreditaria que havia montanhese

Com barbela como os touros, com sacos de carne
Dependurados pela garganta? Ou mesmo homens
Com a cabeça no peito? E quem viaja agora
Na esperança de quintuplicar a fortuna
Garante que os há.

ALONSO

Convosco comerei
Ainda que seja a última vez - pouco importa,
O melhor já se foi. Irmão, meu senhor Duque,
Aproximai-vos e fazei como nós.

Trovões e relâmpagos. Entra Áriel, em forma de harpia, bate as asas sobre a mesa e, por meio de um bizarro mecanismo, faz desaparecer o banquete

ÁRIEL

Vós sois três pecadores a quem o destino -
- Que governa este baixo mundo e tudo o mais -
- Fez com que o insaciável mar vos vomitasse
Nesta ilha onde nem um só humano habita
Já que vós entre os homens não sois dignos
De viver. Enlouqueci-vos. E sei bem
Que a coragem dos loucos os conduz ao suicídio,
Pela força e pelo afogamento.
Loucos! Nós somos
Agentes do Destino. Os elementos
De que as vossas espadas são forjadas podem tanto
Ferir os ruidosos ventos ou com vãos golpes
Abrir as herméticas águas, como fazer cair
Uma só pena da minha penugem. Meus companheiros
Também são invulneráveis. E mesmo que o não fossem,
As vossas espadas são agora tão pesadas
Que não poderíeis levantá-las. Mas lembrai-vos -
- Pois essa é a minha missão - que vós três
De Milão haveis expulsado o bom Próspero,
Tendo-o abandonado ao mar, que porém o vingou,
A ele e à sua inocente filha. Por essa traição
Os poderes, adiando mas nunca esquecendo,
Inflamaram os mares, as costas, todos os seres
Contra a vossa paz. A ti, Alonso, privaram-te
Do teu filho. E através de mim predizem,
Que a mais lenta danação - pior do que a morte
Certeira - não deixará de te perseguir
Por todos os caminhos; à cólera dos poderes
Que, nesta ilha deserta, querem a vossa cabeça,
Apenas o arrependimento e uma vida pura
Vos ajudarão a escapar.

Desaparece num trovão. Ao som de uma música suave, entram de novo as figuras que dançam, fazendo troça e caretas, levando a mesa.

PRÓSPERO

Foste admirável no papel de harpia,
Áriel: encantador, devorador
Às minhas instruções em nada faltaste
Disseste o que havia a dizer. Também com energia
E escrúpulo meus ministros subalternos
Cumpriram os seus serviços. Meus sortilégios operam,
E os meus inimigos estão agora enredados
Nas suas distrações. Estão agora em meu poder;
Nessa letargia os deixo enquanto visito
O jovem Fernando, que eles julgam afogado,
E à sua e minha amada.

GONÇALO

Por tudo o que há de mais sagrado, por que estais, senhor,
Assim tão pasmado?

ALONSO

Oh, é monstruoso, monstruoso!
Pareceu-me que as vagas falaram contando-me isto;
Os ventos cantaram-no de facto e o trovão,
Esse cavo e medonho órgão de tubos, pronunciou
O nome de Próspero. Seu som falou de traição.
Por causa dela tem o meu filho o lodo por cama.
Nele mergulharei mais fundo do que a sonda,
Com ele na lama me deitarei.

Sai..

SEBASTIÃO

Que venham um a um,
Vencerei legiões de demónios.

ANTÓNIO

Secundar-te-ei.
Saem.

GONÇALO

Todos os três estão desesperados. A culpa,
Como o veneno que actua ao retardador,
Corrói-lhes o espírito. Vós que não tendes
Ferrugem nas juntas, segui-os com ligeireza
E impedi aquilo que o delírio em que se encontram
Os possa levar a fazer.

ADRIANO

Segui-me, eu vo-lo rogo.

Saem.

IV ACTO

CENA 1

Entram Próspero, Fernando e Miranda

PRÓSPERO

Se te puni demasiado austeramente
Tens agora a compensação, pois eu
Aqui te dou um terço da minha própria vida,
Ou seja, aquela por quem vivo e que uma vez mais
entrego. Todas os vexames que sofreste
Foram para pôr o teu amor à prova, e tu
Admiravelmente, passaste o teste. Aqui,
Perante o céu, ratifico a minha rica dádiva.
Fernando, não te rias de mim quando a gabo,
Pois verás que mesmo todos os louvores
Ficam aquém dos seus merecimentos.

FERNANDO

Creria em vós
Mesmo que um oráculo vos contradissesse.

PRÓSPERO

Como uma dádiva minha e tua aquisição
Merecida, recebe então a minha filha.
Mas se desatares os seus laços virginais
Antes de todas as sagradas cerimónias
Serem celebradas com solene e sacro rito,
Nem uma só benção os céus derramarão
Para favorecer vosso contrato; ódio estéril,
Desdém amargo e discórdia, quais ervas daninhas,
Cobrirão a vossa cama e repugnar-vos-ão
A ambos. Tende pois muito cuidado,
As lâmpadas de Himeneu hão-de alumiar-vos

FERNANDO

Como espero
Dias tranquilos, belos filhos e vida longa,
Com um amor como este, nem a mais escura toca,
O lugar mais propício, a maior tentação
Sugerida pelo mais pérfido do meu ser
Mancharão minha honra com a luxúria, privando-me
Do clímax desse dia que celebraremos,
Em que os cavalos de Febo me parecerão coxos
E a noite sob eles acorrentada

PRÓSPERO

Falaste bem.

Senta-te, pois, e conversa com ela: Miranda é tua.
E tu, Áriel! Criado engenhoso! Áriel!

Entra Áriel

ÁRIEL

O que me quer o meu poderoso senhor? Aqui estou.

PRÓSPERO

Tu e os teus subordinados cumpristes bem
O vosso último serviço, e preciso de vós
Para mais uma habilidade. Chama essa ralé
Sobre quem te dei poder, trá-los cá.
Põe-nos depressa em movimento, pois quero
Conceder aos olhos deste jovem casal
Um espectáculo de magia. Prometi-lhes,
E esperam que eu o cumpra.

ÁRIEL

Agora mesmo?

PRÓSPERO

Sim, num abrir e fechar de olhos.

ÁRIEL

Antes que digas “vem” e “vai”,
Respires, chores, “ai, ai, ai!”
Cada um no bico do pé
Caretas fará com banzé
Amais-me, mestre?

PRÓSPERO

Caro e encantador Áriel. Fica aí
Até que me ouças chamar-te.

ÁRIEL

Entendido.

Sai.

PRÓSPERO

Olha o que prometeste. Não dês rédea solta
Aos teus abraços. No ardor da paixão,
Os maiores juramentos são como palha no lume.
Sê frugal, ou diz adeus aos teus votos.

FERNANDO

Garanto-vos
Que a branca e fria neve virginal que tenho no peito

Modera o ardor do meu fígado

PRÓSPERO

Bom.

Agora vem, meu Áriel, que sejam muitos,
Antes sobrem que faltem. Depressa, espíritos!

Música suave.

Nada de palavras! Olhos abertos! Silêncio!

Entra Íris

ÍRIS

Ceres, deusa generosa, teus ricos campos de trigo,
Centeio, cevada, lentilhas, aveia e ervilhas;
Tuas férteis montanhas onde os carneiros pastam,
Teus prados lisos de forragem para mantê-los;
Tuas margens de orlas cavadas e sulcadas,
Que Abril chuvoso à tua ordem garante
Para oferecer castas coroas às frias ninfas;
Teus giestais cuja sombra o amante abandonado
Procura; teus vinhedos podados e tuas
Praias marítimas, estéreis e rochosas onde
Tu própria fazes os ventos – tudo isto, a rainha do céu
De quem eu sou arco-íris e mensageira,
Pede que deixes, para com a sua soberana graça

Juno desce.

Vires brincar, neste cenário relvado,
Aqui mesmo. Seus pavões voam velozes
Aproxima-te, cara Ceres, vem recebê-la.

Entra Ceres

CERES

Salve, mensageiro multicolor, que nunca
Desobedeces à esposa de Júpiter;
Tu, que com tuas asas de açafão as minhas flores
Regas com gotas de mel, frescos aguaceiros;
Tu, que com cada ponta do teu arco azul coroas
Meus matagais e meus vales desolados
Rica mantilha da minha altiva terra. Por que razão
Me chama a tua rainha a este prado ralo?

ÍRIS

Para celebrar um contrato de amor
E conceder generosa dádiva
Aos ditosos amantes.

CERES

Diz-me, arco celeste,

Sabes se Vénus ou o seu filho acompanham
A rainha? Desde que juntos conspiraram
Para que o negro Plutão ficasse com a minha filha,
Que amaldiçoei a companhia da mãe
E do seu cego filho.

ÍRIS

Não tens de temer
A vinda deles. Encontrei sua divindade
Fendendo as nuvens em direcção a Pafos, e com ela
O filho levado por pombas. Eles bem tentaram
Incutir desejo lascivo nestes jovens
Que juraram consumir o casamento apenas
Sob a luz de Himeneu: mas tudo em vão.
A ardente amante de Marte bateu em retirada
E o seu filho irascível quebrou as setas,
Passando a só atirar aos pardais,
Como qualquer petiz.

CERES

Vem aí a grande Juno,
Suprema rainha; conheço-a pelo andar.

JUNO

Como está a minha generosa irmã? Vinde comigo
Abençoar este par, para que seja próspero
E honrado na sua descendência.

Cantam

Honra, riqueza, feliz casamento,
Vida bem longa, sem qualquer tormento.
Saibam olhar tudo com alegria!
Juno assim quer que seja neste dia.

Tudo em abundância, haveres e afecto,
Celeiros bem cheios até ao tecto,
Da vinha pendente o mais belo cacho,
Plantas tão fartas que verguem para baixo;
Que a Primavera chegue o mais tardar
Assim que o velho Outono acabar.
Pobreza e miséria fujam de vós
Assim Ceres faz ouvir sua voz.

FERNANDO

Esta é uma extraordinária e majestosa visão,
De grande harmonia mágica. Será ousadia
Pensar que são espíritos?

PRÓSPERO

Espíritos, que por artes minhas,
Chamei dos seus refúgios para darem vida
Às minhas fantasias.

FERNANDO

Deixai-me viver aqui
Para sempre! Tão admiráveis pai e esposa
Fazem desta terra o paraíso.

PRÓSPERO

Silêncio agora, queridos
Juno e Ceres parecem conspirar.
Temos novidade. Estejam mudos e quedos
Ou o encanto quebrar-se-á.

Juno e Ceres cochicham e dão ordens a Íris

ÍRIS

Náiades, ninfas dos tortuosos regatos,
Com as vossas coroas de junco e casta aparência
Deixai vossos canais ondulantes para nesta
Verde terra acudir ao nosso chamamento; Juno
Assim quer. Ajudai-nos, púdicas ninfas,
A celebrar um contrato de puro amor. Vinde!

Entram algumas ninfas

E vós, ceifeiros, tisonados pelo sol de Agosto
Abandonai os sulcos e regos e descansai.
Vinde divertir-vos; ponde o vosso chapéu de palha,
Emparelhai-vos com estas frescas ninfas
Ao som de uma música aldeã.

Entram alguns ceifeiros, convenientemente trajados. Juntam-se às ninfas numa dança graciosa, no fim da qual Próspero avança repentinamente e fala; após a fala de Próspero, retiram-se relutantemente, com um barulho estranho, surdo e confuso.

PRÓSPERO

Tinha esquecido a infame conspiração
Que o animal do Calibã e os seus cúmplices
Tramaram contra a minha vida. Não devem tardar,
Está na hora. Muito bem! Ide! Basta!

FERNANDO

Que estranho! Vosso pai está danado
Algo o afecta fortemente.

MIRANDA

Nunca até hoje
O vi em tão desmedida cólera.

PRÓSPERO

Pareces perturbado, meu filho, como se
Estivesses assustado. Alegra-te, rapaz.
O nosso entretenimento acabou. Estes actores,
Como já te tinha dito, são todos espíritos,
Esvaíram-se no ar como finos vapores;
E, tal como é ilusória esta visão,
Também as altas torres, os palácios soberbos,
Os templos solenes e mesmo este grande globo
E todos os que o ocupem, se desvanecerão,
Sem deixar um só rasto, tal como os espíritos
Se dissolveram no ar. A matéria que nos compõe
É igual à dos sonhos; e a nossa curta vida
Cercada por um sono. Sinto-me vexado.
Tolera a minha fraqueza; meu cérebro está cansado.
Que a minha maleita não te perturbe. Ide
Para a minha gruta, se assim o quiserdes,
Para vos repousardes. Darei uma ou duas voltas
Para acalmar minha mente agitada.

FERNANDO e MIRANDA

Deixamo-vos em paz.

Saem.

PRÓSPERO

Ela chega com a rapidez de um pensamento. Obrigada.
Áriel, vem!

Entra Ariel

ÁRIEL

Obedeço aos teus pensamentos. O que desejas?

PRÓSPERO

Espírito,
Preparemo-nos para receber Calibã.

ÁRIEL

Sim, mestre. Quando apresentei Ceres
Lembrei-me de te falar nisso mas temi
Que te irritasses.

PRÓSPERO

Diz-me outra vez, onde deixaste esses patifes?

ÁRIEL

Como vos disse, estavam corados de tanto beber
E tão valentes que davam socos no ar
Por este lhes soprar na cara e batiam no chão

Por lhes beijar os pés; mas não desistiram
Do seu projecto. Toquei então no meu tamboril e eles,
Como potros selvagens, arrebentaram as orelhas,
Abriram bem os olhos e empinaram o nariz,
Como se cheirassem música. Lancei-lhes tal encanto
Que, como dóceis bezerros seguiram meu balido,
Através de sarças, tojo, urzes e espinhos
Que se lhes espetavam na tenra carne. Deixei-os
No charco lodoso que fica depois da vossa gruta
A dançar, enlameados até ao queixo, com os pés
Colados à lama pestilenta.

PRÓSPERO

Bravo, meu passarinho!
Mantém-te invisível por agora. Vai buscar
À minha gruta as quinquilharias que encontrares,
Para atrairmos esses ladrões.

ÁRIEL

Já vou, já vou!

Sai

PRÓSPERO

Nasceu diabo e nem a educação
A sua natureza pôde mudar; eu fiz
Tudo o que podia, mas em vão, em vão.
E tal como a idade piorou sua aparência
Também degradou seu carácter. Hei-de flagelá-los
Até que urrem de dor.
Vem, pendura-os nesta corda.

*Entra Ariel carregando trajes reluzentes..
Entram Calibã, Estêvão e Trínculo, todos molhados.*

CALIBÃ

Por favor, andai devagar, para a toupeira cega
Não ouvir um só passo. Estamos perto da gruta.

ESTÊVÃO

Monstro, a tua fada, aquela que dizes ser uma fada inofensiva, bem nos tem tramado...

TRÍNCULO

Monstro, cheiro a mijo de cavalo, todo o meu nariz se indigna.

ESTÊVÃO

Também o meu. Ouves, monstro? Não me faças nenhuma desfeita, olha que eu...

TRÍNCULO

Era uma vez um monstro.

CALIBÃ

Meu bom senhor, concede-me ainda o teu favor.
Tem paciência, pois o prémio que ganharás
Far-te-á esquecer este infortúnio. Fala baixinho.
Está um silêncio de meia-noite.

TRÍNCULO

Está bem, mas esta de termos perdido as nossas garrafas no charco...

ESTÊVÃO

Para além da desgraça e da desonra, monstro, tens de admitir que é uma grande perda.

TRÍNCULO

Para mim foi pior tê-las perdido do que ter-me molhado. E tudo por causa da tua fada inofensiva, monstro.

ESTÊVÃO

Hei-de ir lá buscar a minha garrafa, ainda que fique enterrado até às orelhas.

CALIBÃ

Peço, meu rei, que sossegues. Olha, aqui está
A boca da gruta. Não faças barulho, e entra.
Comete essa bela maldade e serás
Dono da ilha para sempre, e eu, teu Calibã,
Teu lambe-botas eterno.

ESTÊVÃO

Dá-me a tua mão. Começo a ter pensamentos sangrentos.

TRÍNCULO

Ó rei Estêvão! Ó par! Ó nobre Estêvão, vê só o guarda-roupa que aqui tens!

CALIBÃ

Deixa isso, seu tolo. Não vale nada.

TRÍNCULO

Oh, oh, monstro! Sabemos bem o que é fancaria. Ó rei Estêvão!

ESTÊVÃO

Despe já essa toga,
Trínculo, por esta mão, juro-te que ela será minha,

TRÍNCULO

Pois tua graça a terá.

CALIBÃ

Que morras de hidropisia! Que história é essa
De te pores a adorar trais trapos? Deixa-te disso,
E mata-o primeiro. Se ele acorda,
Enche-nos de beliscões dos pés à cabeça,
Deixa-nos uma desgraça.

ESTÊVÃO

Cala-te tu, monstro. Sr^a D. Corda, este não é o meu gibão? Agora está o gibão debaixo da linha do equador; caro gibão, estás prestes a perder o cabelo e a ficar um gibão careca

TRÍNCULO

Bravo, bravo! Seremos ladrões de alto nível, se sua graça assim o desejar.

ESTÊVÃO

Agradeço-te esse gracejo; aqui tens um traje em paga. O espírito nunca ficará por recompensar enquanto eu for rei desta ilha. “Ladrões de alto nível!” é uma excelente ironia. Toma lá outro traje por ela.

TRÍNCULO

Monstro, vem passar por aqui as mãos e deitamos fora o resto

CALIBÃ

Não quero nada disso. Perderemos tempo,
E seremos transformados em cracas ou macacos
De testa vilmente metida para dentro.

ESTÊVÃO

Monstro, mexe-me esses dedos. Ajuda-me a levar isto para junto do meu odre de vinho, ou expulso-te do meu reino. Mexe-te, pega nisto!

TRÍNCULO

E nisto.

ESTÊVÃO

Sim, e nisto também.

Ouve-se o ruído de caçadores. Entram vários espíritos sob a forma de cães e de mastins, perseguindo-os. Próspero e Áriel acirram-nos.

PRÓSPERO

Aí, Montanha, aí!

ÁRIEL

Prata! A ele, Prata!

PRÓSPERO

Fúria, Fúria! Aqui, Tirano, aqui! Voltem, voltem!
Vai, manda os meus duendes moer-lhes as juntas,
Apertar-lhes os tendões com espasmos secos
E câibras e imprimir-lhes mais nódoas negras
Do que as que têm os leopardos ou os gatos bravos.

ÁRIEL

Ouve como eles rugem.

PRÓSPERO

Que sejam cruelmente perseguidos. Já tenho
Todos os meus inimigos à minha mercê.

Saem

V ACTO

CENA 1

Entra Próspero, vestido com o seu traje mágico, e Áriel.

PRÓSPERO

O meu projecto está perto do fim. Os sortilégios
Não me falham, os espíritos obedecem-me
E tudo no tempo previsto. Em que altura estamos?

ÁRIEL

Perto da sexta hora, a altura em que disseste,
Senhor, que completaríamos os trabalhos.

PRÓSPERO

Assim disse,
Quando levantei a tempestade. Diz-me, espírito,
Como estão o rei e os seus companheiros?

ÁRIEL

Todos juntos,
Confinados como os deixaste - todos prisioneiros,
No bosque de tílias que abriga a tua gruta.
Não podem mexer-se até que os libertes. O rei,
O seu irmão e o teu, estão de cabeça perdida,
E os restantes pranteiam-nos; mas principalmente
Aquele a quem chamaste, amo, "o velho e bom Gonçalo",
Correm-lhe lágrimas pela barba como goteja
A chuva dos telhados de colmo. Apanhaste-os
De tal forma que, se os visses, teu coração
Amoleceria.

PRÓSPERO

Assim crês, espírito?

ÁRIEL

Assim sucederia ao meu, se eu fosse humano.

PRÓSPERO

Pois ao meu
Também. Se tu, que és só ar, estás apreensivo,
Tocado pelo seu sofrimento, não estarei eu,
Um dos da sua espécie, sensível como eles
À paixão, mais predisposto a apiedar-me?
Feriram-me duramente com as suas graves
Injúrias, mas com a nobre razão
Respondo à fúria. A excelência está
Na virtude, não na vingança. Se estão

Arrependidos, atingi o meu fito e não mais
Lhes franzerei o sobrolho. Vai libertá-los, Áriel,
Vou romper o encanto, restituir-lhes os sentidos,
Voltarão a ser eles mesmos.

ÁRIEL

Vou buscá-los, senhor.

Sai.

PRÓSPERO

Vós, duendes das colinas, dos regatos, dos charcos
Estagnados e dos bosques, vós que nas praias andais
Sem deixardes rasto, que brincais à apanha
Com Neptuno; vós, gnomos, que à luz da lua
Os verdes prados marcais, privando as ovelhas
De lá pastar; e vós, que fazeis brotar cogumelos
À meia-noite, que exultais com o tocar
Do sino: vós que me ajudastes - apesar
De terdes sido fracos mestres - a obscurecer
O sol ao meio-dia, a amotinar os ventos,
A desencadear a guerra entre o verde mar
E o firmamento azul; o pavoroso trovão
Provi de fogo, com o seu raio fendi o robusto
Carvalho de Jove; o sólido promontório
Abalei, arranquei o pinheiro e o cedro
Pela raiz; as sepulturas, à minha ordem,
Acordaram os que lá dormiam, abriram-se,
Deixaram-nos ir, por artes minhas. Mas desta
Rude magia aqui abjuro, apenas preciso
De uma música celeste - que se faça ouvir -
- Para com ela ultimar minha obra nos sentidos
destes homens, e depois quebrarei minha vara,
Que enterrarei a muitas braças de profundidade,
E, ao fundo do mar, onde nem a sonda chega,
Lançarei o meu livro.

Música solene.

Entra Áriel; atrás dele, Alonso, com gestos de louco, acompanhado de Gonçalo; Sebastião e António do mesmo modo, acompanhados por Adrião e Francisco. Entram todos no círculo que Próspero havia traçado, e aí se quedam, encantados; Próspero, observando-os, fala.

PRÓSPERO

Que uma música solene, o melhor conforto para
A imaginação perturbada, cure vossos cérebros,
Agora inúteis, que vos fervem no crânio. Estais
Quedos pois estais encantados.
Bom Gonçalo, homem honrado,

Dos meus olhos, sensíveis à visão dos teus, brotam
Lágrimas de estima. O encanto desfaz-se já.
E tal como a manhã se impõe à noite,
Dissipando as trevas, também o juízo,
Agora desperto, espanta os fumos que
Lhes toldam a razão. Ó bom Gonçalo,
Meu verdadeiro salvador, e homem leal
Ao amo que serves, teus favores pagarei
Tanto com palavras como com acções. Tu, Alonso,
Cruelmente me prejudicaste, e à minha filha.
Foi teu irmão o promotor do acto.
Por isso sofres agora, Sebastião. E a ti,
Irmão meu, minha carne e sangue, que alimentaste
A ambição e rejeitaste a piedade e que,
Com Sebastião - cuja angústia é por isso mais forte -
- Terias assassinado o teu rei, eu te perdoou,
apesar de seres desnaturado. Ondula-lhes já
O entendimento, e a maré que se aproxima
Por certo lhes inundará a margem da razão,
Que se encontra turva e lodosa. Nenhum
Dos que agora me olham me reconheceria.
Áriel, traz-me da gruta o chapéu e a espada.
Despirei isto e apresentar-me-ei
Como quando estava em Milão. Depressa, espírito!
Dentro em pouco serás livre.

Áriel canta e ajuda-o a vestir-se

ÁRIEL

Onde suga a abelha, eu sugo,
No verbasco eu me abrigo
Quando o mocho solta um pio.
Vôo no dorso de um morcego,
Parto mal passa o Verão.
A partir de hoje me alegro,
Vivo nas flores que dão frutos.

PRÓPERO

Só tu, meu frágil Ariel! Hei-de sentir
A tua falta, mas serás libertado - sim, sim, sim.
Invisível como estás, vai ao navio do rei!
Lá encontrarás a tripulação a dormir
Sob o convés. O capitão e o contramestre,
Mal acordem, que venham para cá,
E bem depressa, eu to rogo!

ÁRIEL

Devorarei a estrada e estarei de volta
Antes que o teu pulso bata duas vezes.

Sai

GONÇALO

Toda a tormenta, aflição, prodígio e espanto
Se acolheram aqui. Que um poder divino nos guie
Para fora desta terra medonha!

PRÓSPERO

Vede, senhor rei,
Sou Próspero, o injustiçado Duque de Milão.
Para que saibais que é um príncipe vivo
Aquele que vos fala, eu vos abraço
E a vós e aos vossos companheiros
Eu dou as boas-vindas.

ALONSO

Se és Prospero,
Ou uma aparição mágica para me iludir,
Como iludido tenho andado, não sei. O teu pulso
Bate como o de um ser de carne e sangue; e desde que
Te vi, o sofrimento em que estava e me prendia
À loucura, passou. A situação requer -
- Se ela é real - uma história extraordinária.
Ao teu ducado eu renuncio e a ti imploro
Perdão para os meus erros. Mas como pode Próspero
Estar aqui e vivo?

PRÓSPERO

Antes de mais, nobre amigo,
Consente que abrace a tua velhice, cuja honra
Sem limites não pode ser medida.

GONÇALO

Se isto é real
Ou não, não posso jurar.

PRÓSPERO

Sentes ainda o efeito
Dos encantos desta ilha; é-te difícil por isso
Aceitar a realidade. Bem-vindos sejam, amigos!
Quanto a vós, parelha de nobres, estivesse eu
Para isso e faria sua alteza franzir-vos
O sobrolho, provando a vossa traição. Mas deixemos
Essas histórias.

SEBASTIÃO

É o diabo que fala por ele.

PRÓSPERO

Não.

A ti, mui perverso senhor a quem não posso
Chamar irmão sem infectar a boca, eu perdoo
Teu pior crime - todos eles; e reclamo
Para mim o meu ducado que serás, eu sei,
Forçado a restituir-me.

ALONSO

Se és Próspero,
Dá-nos pormenores do teu salvamento;
Diz-nos como nos encontraste aqui, onde há três horas
Viemos dar à costa; onde eu perdi -
- Como me dói a simples recordação! -
- O meu querido filho, Fernando.

PRÓSPERO

Sinto-o muito, senhor.

ALONSO

A perda é irreparável, e a paciência
Diz-me que já nada pode fazer.

PRÓSPERO

Penso antes
Que não procuraste o seu auxílio, em cuja graça,
Para uma perda igual, encontrei eu o repouso,
Com a sua ajuda soberana.

ALONSO

Uma perda igual?

PRÓSPERO

Tão grande quanto recente, e para suportar
Perda tão atroz, tenho eu meios mais fracos
Dos que os que tens para teu consolo, pois eu
Perdi minha filha.

ALONSO

Uma filha?
Oh céus, estivessem eles vivos em Nápoles,
Seriam lá rei e rainha! Que o fossem,
E estivesse eu sepultado no chão lodoso
Onde jaz meu filho. Quando perdeste a tua filha?

PRÓSPERO

Na última tempestade. Vejo que estes senhores
Estão de tal forma pasmos com este encontro
Que engoliram a razão e duvidam

Do que vêem os seus olhos e das palavras
Que lhes jorram da boca. Mas, como quer que tenhais
Perdido o vosso juízo, sabei
Que eu sou Próspero, esse mesmo Duque
Que foi expulso de Milão e que, de forma estranha,
A esta costa, onde naufragastes, veio dar,
E dela se tornou senhor. Deixemo-nos disto,
O relato levar-me-ia dias sem conta,
Não é história para servir ao pequeno-almoço,
Nem para o nosso reencontro. Bem-vindo, senhor.
Esta gruta é a minha corte. Aqui tenho alguns
Servos, e nenhum vassalo fora dela.
Peço-te, olha. O ducado que me devolveste
Pago-to com coisa bem boa, que traz
Pelo menos uma maravilha para teu contento,
Tal como me satisfaz meu ducado.

Próspero mostra a Alonso Fernando e Miranda, jogando xadrez

MIRANDA

Querido senhor, fazeis trapaça.

FERNANDO

Não, amor dilecto,
Não o faria por nada deste mundo.

MIRANDA

Pois sim, por vinte reinos defrontar-me-íeis,
E eu chamaria a isso jogo limpo.

ALONSO

Se for
Mais uma visão da ilha, o meu querido filho
Perderei duas vezes.

SEBASTIÃO

Um milagre soberbo.

FERNANDO

Os mares ameaçam mas são piedosos.
Amaldiçoei-os sem razão.

ALONSO

Que todas as bençãos
De um pai ditoso caiam sobre ti!
Ergue-te e diz-me como cá vieste dar.

MIRANDA

Oh céus!
Quantas graciosas criaturas estão aqui!
Que belas são! Admirável mundo novo,
Que tem gente assim!

PRÓSPERO
É novo para ti.

ALONSO
Quem é a donzela com quem jogavas?
Travaste conhecimento há não mais de três horas.
Será a deusa que nos dividiu
Para depois nos reunir?

FERNANDO
Senhor, ela é mortal;
Mas pela imortal Providência, é minha.
Escolhi-a quando não podia pedir conselho
A meu pai, nem sabia que tinha um. Ela é
Filha deste famoso Duque de Milão,
De quem tantas vezes ouvi apregoar a fama
Mas que nunca conhecera em pessoa, e de quem
Recebi segunda vida; pois um segundo pai
Me deu esta dama.

ALONSO
E eu pai dela.
Mas, oh, que estranho parece eu ter de pedir
Perdão à minha filha!

PRÓSPERO
Pronto, calma, senhor.
Não façamos pesar sobre nossas lembranças
Uma tristeza que já se foi.

GONÇALO
Não fôra as lágrimas
Que engulo, já teria dito isto: ó deuses,
Olhai para baixo e fazei cair sobre este par
Uma coroa abençoada! Pois fostes vós
Que nos trouxestes até aqui.

ALONSO
Digo *amen*, Gonçalo.

GONÇALO
Terá sido Milão afastado de Milão
Para que a sua descendência desse reis a Nápoles?
Oh, exultai para além da vulgar alegria

E gravai-o a ouro em pilares duradouros.
Numa só viagem encontra Claribel marido
Em Túnis; seu irmão Fernando esposa
Onde se julgava perdido; Próspero o seu ducado
Numa pobre ilha, e todos nos encontrámos
Quando tínhamos perdido o juízo.

ALONSO

Dai-me vossas mãos.
Que a pena e a dor se instalem no coração
De quem não vos quiser bem.

GONÇALO

Assim seja! *Amen.*
Entra Ariel, com o capitão e o contramestre seguindo-o, espantados
Oh, vede, senhor, vede, estão aqui mais dos nossos!
Eu bem tinha augurado que, a haver força em terra
Este não havia de morrer afogado. Então,
Blasfemo, afastaste a graça divina a bordo
E não praguejas em terra? Perdeste a língua? Que dizes?

CONTRAMESTRE

A melhor nova é que encontrámos sãos e salvos
O rei e seus companheiros; a seguinte é que
O navio que há três horas demos por fendido
Está forte e lesto e bem armado, como quando
Nos fizemos ao mar.

ÁRIEL

Senhor, tudo isto eu fiz
Quando daqui saí.

PRÓSPERO

Meu astuto espírito!

ALONSO

Nada disto é natural. Parece-me cada vez
Mais estranho. Dizei, como viestes cá parar?

CONTRAMESTRE

Soubesse-me eu, senhor, bem acordado,
E bem faria por o dizer. Estávamos todos
Mortos de sono - quem o não sabe - confinados
No convés onde, ainda há pouco, estranhos
Urros, guinchos, uivos e cadeias tinindo,
Assim como outros sons diversos, todos horríveis,
Nos acordaram. Ficámos livres num instante;
Então, todos apetrechados, deparámos
Com o real, bom e galante navio; ao vê-lo,

O capitão saltou de alegria; mas num ápice,
Como num sonho, fomos afastados deles
E, pasmos, viemos cá parar.

ÁRIEL

Gostaste?

PRÓSPERO

Muito, meu zeloso Áriel. Vais ter a liberdade.

ALONSO

Este é o mais estranho labirinto que alguém
Jamais pisou; e não há aqui apenas
A mão da natureza. Era preciso um oráculo
Para nos dizer a verdade.

PRÓSPERO

Senhor, meu suserano

Não vos canseis ficando a matutar na raridade

De tudo isto. Quando tivermos vagar,

E será em breve, a vós tudo desvendarei,

Darei explicação plausível para todos

Os acontecimentos. Até lá, alegrai-vos,

Tende pensamento positivo. Vem cá, espírito.

Liberta Calibã e os seus companheiros.

Quebra-lhes o encanto.

Estais bem, amável senhor?

Faltam ainda na vossa comitiva

Uns patifes que esqueceste já.

Entra Áriel, conduzindo Calibã, Estêvão e Trínculo, vestidos com os trajes roubados

ESTÊVÃO

Um por todos, e todos por um, e seja o que Deus quiser.

Coraggio, monstro esplêndido, *coraggio*.

TRÍNCULO

Se meus olhos não me enganam

Este é um bom espectáculo.

CALIBÃ

Ó Setebos! Estes espíritos são formidáveis!

Que garboso está o meu amo! Temo apenas

Que ele me castigue.

SEBASTIÃO

Ah, ah!

Que espécimes são estes, meu senhor António?

Será que têm preço?

ANTÓNIO

É bem provável. Um deles
É um verdadeiro peixe, com valor no mercado.

PRÓSPERO

Olhai para as insígnias destes homens, senhores,
E vede como são legítimas. A mãe
Deste patife era uma bruxa tão poderosa
Que controlava a lua e as marés,
E em nome dela - mas sem o seu poder - comandava.
Estes três roubaram-me, e este semi-demónio
(Do diabo é bastardo) com eles conspirou
para me matarem. Dois destes tratantes
Conheceis vós; este ser das trevas reconheço
Como meu.

CALIBÃ

Vou ser beliscado até à morte.

ALONSO

Não é este Estêvão, meu despenseiro beberrão?

SEBASTIÃO

Está bêbedo. Onde terá arranjado vinho?

ALONSO

E Trínculo está maduro que nem um cacho.
Onde terão encontrado o licor que os dourou?
Como ficaste assim em salmoura?

TRÍNCULO

Estou em salmoura desde a última vez que vos vi e acho que o molho não mais vai
sair dos meus ossos. Assim, estou livre da varejeira.

SEBASTIÃO

E então nós, Estêvão?

ESTÊVÃO

Oh, não que toqueis. Eu não sou Estêvão, todo eu sou uma caimbra.

PRÓSPERO

Querias ser rei da ilha, mariola?

ESTÊVÃO

Teria sido um rei bem dorido.

ALONSO

É a criatura mais assombrosa que já vi.

PRÓSPERO

É tão disforme nos sentimentos
Como no corpo. Vai, velhaco, para a gruta.
Leva os teus companheiros. Se quereis o meu perdão,
Tratai de a ter bonita e arrumada.

CALIBÃ

Assim farei; doravante terei juízo,
Procurarei agradar-vos. Que grande asno
Eu fui, ao tomar este bêbedo por Deus
E venerar este imbecil.

PRÓSPERO

Ide, então. Embora!

ALONSO

Ide, e deixai esses trajes onde os encontrastes.

SEBASTIÃO

Ou melhor, onde os roubastes.

PRÓSPERO

Senhor, convido vossa alteza e vossa comitiva
A na minha pobre gruta descansar esta noite.
Boa parte dela será passada
Com um relato que, não duvido, fará
Voar o tempo - a história da minha vida,
E das situações por que passei
Desde que cá vim parar. E de manhã,
Levar-vos-ei para o vosso navio, e para Nápoles
Largaremos, onde espero ver solenizar
As núpcias dos nossos bem-amados filhos;
E daí retirar-me-ei para Milão, onde
Me restará esperar por minha morte.

ALONSO

Anseio
Por ouvir a história da vossa vida, que irá
Por certo perturbar-me.

PRÓSPERO

Contá-la-ei toda,
E prometo-vos mares calmos, ventos de feição,
E viagem tão rápida, que apanharemos
A vossa frota real - meu Áriel, pintainho,
Deixo isso ao teu cuidado. Sê livre
Como os elementos. Adeus - entrai, senhores.

(Saem)

EPÍLOGO

Recitado por Próspero

De todas as artes eu abdiquei,
A força que tenho é minha, bem sei
É minha mas fraca, por sinal.
Cabe-vos agora, senhores, decidir
Se devo ficar ou para Nápoles ir,
Deixai-me partir, não me quereis mal.
Pois meu ducado eu recuperei,
Ao traidor malvado eu perdoei,
Não me deixeis nesta ilha deserta,
Desatai com as mãos o nó que aperta
Este vosso serviçal.
Fazei do bom vento meu aliado
Não deixeis meu plano ser gorado
Tudo o que queria era agradar.
Que falta me fazeis agora -
- Espíritos para animar, artes para encantar -,
Não vim por este caminho fora
Para perder vossa indulgência.
Mas sei o poder da oração,
Ela trespassa o coração puro,
Desperta a piedade e liberta o homem puro.
Tal como gostaríeis de a ter para vós, senhores,
Eu vos peço clemência.

Sai.